

50 ANOS DE SOLIDARIEDADE

50 ANOS DE SOLIDARIEDADE

(1919 – 1969)

CARLOS ALBANO S. COSTA

50 ANOS DE SOLIDARIEDADE

50 ANOS DE SOLIDARIEDADE

História de uma Associação de Cultura e Recreio chamada:

**GRUPO MUSICAL E DRAMÁTICO 1º DE MAIO
DA SOLIDARIEDADE OPERÁRIA DE TIRES**

mas que nos seus primeiros anos se designou:

**GRUPO RECREATIVO DE BANDOLINISTAS 1º DE MAIO DA
SOLIDARIEDADE DA CONSTRUÇÃO CIVIL DE TIRES**

e que nos seus últimos passou a designar-se:

GRUPO RECREATIVO E DRAMÁTICO 1º DE MAIO DE TIRES

50 ANOS DE SOLIDARIEDADE

PRÓLOGO

A admiração e respeito pelo “*Grupo Musical e Dramático 1º de Maio da Solidariedade Operária de Tires*”, e bem assim por todos aqueles que lhe deram vida e alma, é sentimento adquirido nos meus tempos de menino.

Desde muito novo que fiquei sentimentalmente ligado a esta Sociedade, qual família alargada da qual fazia parte, muito por influência de meu pai, também ele admirador dos valores associativos de antecessores seus, nesta Coletividade que também serviu.

Do nome dessa Sociedade, “*Solidariedade*” era, recorde, a palavra que mais me encantava. “*Palavra de 25 tostões*”, “*palavra cara*”, como em putos caracterizávamos todas as palavras difíceis de soletrar e perceber. Mais tarde, compreendido o seu significado, a palavra virou sentimento e, “*Solidariedade*”, foi então assumido como um dos valores estruturantes da minha formação, enquanto homem de sociedade.

Se sou o que sou muito devo a esta Coletividade. Se penso como penso muito se deve à cultura associativa e solidária que, nesta Sociedade, me deram a beber em pequeno.

50 ANOS DE SOLIDARIEDADE

“50 Anos de Solidariedade” não é senão uma modesta retribuição a todos os “camaradas” que, ao fundarem e desenvolverem o “Grupo Musical e Dramático 1º de Maio da Solidariedade Operária de Tires” (inicialmente “Grupo Recreativo de Bandolinistas...”), me proporcionaram a tal família alargada da qual, ainda hoje, me honro de ser descendente.

A História destes admiráveis 50 anos de vida desta Coletividade foi conhecimento que sempre desejei aprofundar, para melhor o saber transmitir. A situação de aposentado deu-me o tempo para que a pesquisa se fizesse, o centenário da Associação ofereceu o motivo para que a divulgação fosse feita, e o resultado aqui está. Limitações próprias, contrariedades variadas, deixaram o trabalho aquém daquilo que eu perspetivara, bastante aquém do que o próprio assunto merecia. Mas, o meu tributo ao Passado Histórico do GMD 1º de Maio SO de Tires, a minha homenagem aos antepassados nela envolvidos, foi conseguido com todo o respeito, dedicação e verdade (a minha verdade!) que consegui reunir, tenho disso plena consciência.

Carlos Albano Costa

Associado desde 1965

ÍNDICE

I – FUNDAÇÃO	pag. 11
II - ORGANIZAÇÃO	pag. 21
III – SEDE	
1 – Sede Primitiva	pag. 33
2 – Sede Nova	pag. 36
3 – Ampliação da Sede	pag. 43
IV – ATIVIDADES	
1 – Bailes	pag. 45
2 – Música	pag. 53
3 – Teatro	pag. 60
4 – Espetáculos Contratados	pag. 66
5 – Atividades Desportivas	pag. 69
6 – Laranjinha	pag. 72
7 – Outras	pag. 73
V – SOLIDARIEDADE	pag. 75
VI – RELAÇÕES INSTITUCIONAIS	
1 – Caixa da Auxílio na Doença	pag. 87
2 – Associações Congéneres	pag. 93
3 – Instituições Oficiais e Religiosas	pag. 97
VII – FINAL CINQUENTENÁRIO	pag. 101
VIII – PROTAGONISTAS	
1 – As Mulheres	pag. 107
2 – Os Homens	pag. 110

50 ANOS DE SOLIDARIEDADE

50 ANOS DE SOLIDARIEDADE



50 ANOS DE SOLIDARIEDADE

I - FUNDAÇÃO

No início do século XX Portugal vivia um grande período de instabilidade política. Ultrapassada a monarquia, implantada a República em 1910, sucedem-se governos débeis, com vigências de curta duração, - uns duravam semanas, outros dias apenas. Tal instabilidade, agravada pelas consequências da participação de Portugal na primeira grande guerra mundial, que decorre de 1914 a 1918, destroça a já débil economia do país herdada do final do século anterior. Elevados níveis de pobreza, condições de vida miseráveis, afetam grande parte da população do país, particularmente as classes mais desfavorecidas da sociedade, aqueles que vivem exclusivamente da força do seu trabalho.

Tires, ao tempo, era uma povoação constituída, maioritariamente, pelas famílias de operários, canteiros, que trabalhavam na exploração e preparação da pedra para a construção civil, em pedreiras existentes na zona. Outra ocupação da população da aldeia, embora com menor incidência, era a agricultura, a que se juntava normalmente a criação de gado. Grandes áreas de

terreno, especialmente dedicado à cultura cerealífera (fundamentalmente trigo), envolviam toda a aldeia.

Tal como acontecia em todo o país as condições de vida em Tires eram, para todos, muito duras e difíceis. Problemas básicos de vida como alimentação, saúde e educação dos filhos eram equação de resolução difícil. A mulher obrigava-se a participar na economia do lar ajudando com o seu trabalho. Umaz fizeram-se lavadeiras de roupa em casas de famílias abastadas, situadas na linha (Estoril, Parede) ou até mesmo em Lisboa - caminhavam horas seguidas, com ou sem auxílio de um burro, carregando, num sentido, a roupa suja, noutra a mesma já lavada -; outras dedicavam-se ao fabrico artesanal dos sapatos de trança – vendidos especialmente a varinas e pescadores - ; outras ainda dedicavam-se ao fabrico do pão de trigo – tradição, trazida até há bem pouco tempo, de reconhecida qualidade.

Por toda a Europa debatem-se as teorias Marxistas que assentam na constituição de sociedades socialistas apoiadas nas classes trabalhadoras. Em Novembro de 1917, a revolução bolchevique assume o poder na Rússia, naquilo que foi a primeira concretização prática daquelas teorias. Sob esta influência e impacto vão surgindo, por essa época e também em Portugal, as cooperativas, as associações de classe e os primeiros sindicatos, que passam a expressar as reivindicações profissionais dos trabalhadores operários.

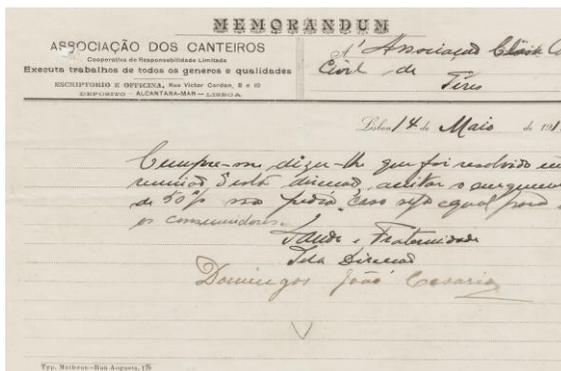
Dada a natureza e condição de trabalho na pedreira – trabalho duro desenvolvido em grupo – possibilita, também aos canteiros, a discussão, entre si, dos seus problemas e dificuldades. Adotando ideais associativos, nessa luta por melhores condições de vida, acabam por constituir a “**Associação de Classe dos Operários da Construção Civil e Artes Correlativas de Tires e Arredores**”, associação essa, fundada a 1 de Janeiro de 1914, que passa a

50 ANOS DE SOLIDARIEDADE

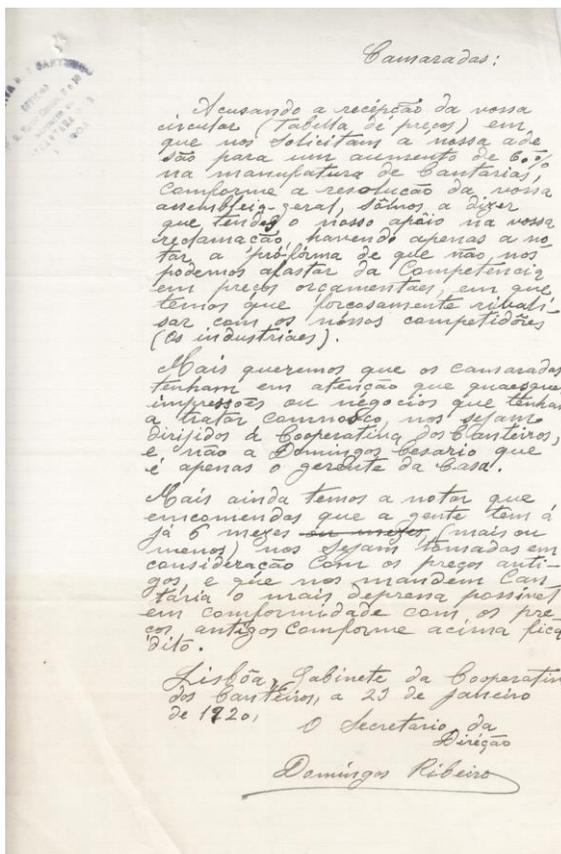
defender o interesse dos seus associados (basicamente operários canteiros) nas condições de exploração da pedra (DC1) e (DC2).

É esta Associação que acomoda e, de certo modo, serve de berço ao “Grupo Recreativo de Bandolinistas 1º de Maio da Solidariedade da Construção Civil de Tires” quando, a mesma comunidade, avança para a constituição de uma outra entidade associativa que tivesse por fim a possibilidade de responder às necessidades de entretenimento e diversão para ocupação dos tempos livres da população.

Foi no caminho de regresso a Tires, depois de um baile realizado em Manique, na já existente coletividade local, que **Filipe Borges, Manuel Fernandes e Duarte**

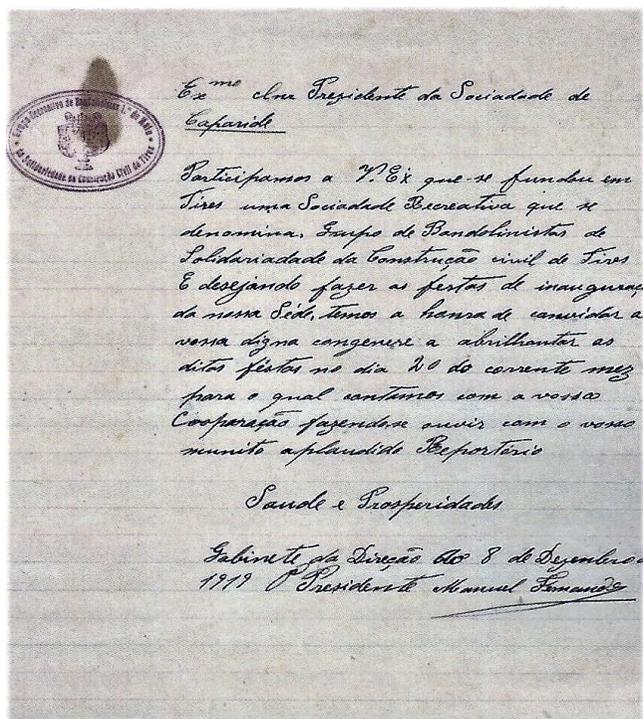


DC1 – Correspondência da Associação de Classe



DC2 – Correspondência da Associação de Classe

50 ANOS DE SOLIDARIEDADE



DC3 – Carta do Grupo R. de Bandolinistas à Sociedade de Caparide a propósito da inauguração da sede

Tomé Flores avançam com a ideia de vir a constituir um grupo em Tires onde, em espaço próprio, se possam produzir e realizar festas semelhantes às que acabavam de assistir. O baile popular era, à época, o principal, senão único, divertimento acessível a estas populações, e esta aldeia não reunia ainda as condições para a sua prática continuada. A ideia daqueles três é acolhida, partilhada e desenvolvida por muitos dos seus conterrâneos, entre os quais haviam já músicos - que eventualmente fizeram a sua aprendizagem em grupos vizinhos -, todos irmanados por uma cultura associativa já existente na sua *Associação de Classe*. Estão assim reunidas as condições necessárias à fundação, a 1 de Maio de 1919, do “**Grupo Recreativo de Bandolinistas 1º de Maio da Solidariedade da Construção Civil de Tires**” (DC3) que, anos

mais tarde, em data que não foi possível determinar, passará a denominar-se “**Grupo Musical e Dramático 1º de Maio da Solidariedade Operária de Tires**”.

A Associação constituída sofre da inevitável influência dos ideais sindicalistas que predominavam no meio, influência que, de imediato, se faz notar na denominação atribuída. **1º de Maio e Solidariedade da Construção Civil** ou **Solidariedade Operária** são disso prova inequívoca.

Também a atribuição da data de fundação ao dia **1 de Maio de 1919** comprova o mesmo vínculo. Naquela data realizara-se um comício no Parque Eduardo VII convocado pela União dos Sindicatos Operários de Lisboa, que teve a participação de cerca de 30.000 pessoas, na sequência do qual foi finalmente consagrada a Lei da jornada de 8 horas. Foi o culminar duma longa luta reivindicativa dos trabalhadores nacionais, na qual os canteiros de Tires tiveram participação ativa, que incluiu a decretação de greve com a paragem da produção nas pedreiras onde trabalhavam.

As duas associações, a sindical e a recreativa, surgidas pela mão dos mesmos homens, viverão lado a lado, como irmãos de sangue, unidas pelo valor social que caracterizava aquele povo, **a Solidariedade**.

É testemunho dessa irmandade o facto de, nas comemorações do 3º aniversário do **Grupo Recreativo Bandolinista**, a 1 de Maio de 1922, se ter realizado uma sessão solene com a presença de *camaradas da C.G.T.* (Confederação Geral do Trabalho) e *da F.C.C.* (Federação Nacional da Construção Civil) **(1), (2) e (3) (DC4)**.



DC4 – Manifesto ao povo trabalhador da Construção Civil de Tires, aquando dos festejos do 1º de Maio de 1922

(1) A Confederação Nacional do Trabalho (CGT) foi criada no II Congresso Nacional Operário realizado no dia 13 de Setembro de 1919, na sequência da mesma luta reivindicativa, assinalada a 1 de Maio do mesmo ano, data atribuída à fundação do Grupo Bandolinista, e passa a agrupar +/- 200 associações de classe, equivalente a 85 a 90 mil trabalhadores, em todo o país;

(2) A Federação Nacional da Construção Civil (FCC), que integra as organizações sindicais da construção civil, passando a ser um dos bastiões da CGT;

(3) Também por essa data a Associação de Classe dos Operários da Construção Civil e Artes Correlativas de Tires e Arredores foi integrada no Sindicato Único dos Operários da Construção Civil (membro da FCC), passando assim a funcionar como delegação local do mesmo Sindicato.

50 ANOS DE SOLIDARIEDADE

A Associação constituiu-se, na sua fundação, por 59 *camaradas*. Dessa lista, que se dividia em duas categorias de sócios, os “*tocantes*” e os “*ouvintes*”, foi possível conhecer apenas a identidade de 53 desses fundadores (Notas **A**), **B**) e **C**)), que são os seguintes: - (só se assinalam os sócios “*tocantes*”):

JOAQUIM DOS SANTOS, JOAQUIM CALCINHAS JÚNIOR, VLADEMIRO TOMÉ (tocante), VICENTE FLÔR, MANUEL MOREIRA SABIDO (tocante), FILIPE BORGES, FRANCISCO EMILIANO XAVIER (tocante), JOAQUIM EMILIANO, JOÃO F. CÂNDIDO, ALBINO MOREIRA SABIDO, JOSÉ BECHIGA, MODESTO DOS SANTOS, FRANCISCO LOURENÇO, ERNESTO FÉLIX, JOAQUIM DELGADO, EMÍLIO LUZ, SIPRIANO AUGUSTO, FRANCISCO ANASTÁCIO RATO, CARLOS LUÍS SABIDO, ARTUR EMILIANO, ANTONIO EMILIANO, ANTÓNIO LUÍS, DOMINGOS FRANCISCO CÂNDIDO, ARTUR MOREIRA SABIDO, FERNANDO MOREIRA SABIDO, JOSÉ PAULINO, MANUEL FERNANDES, JOAQUIM CARLOS NUNES, ANTÓNIO LUÍS MACHADO, JOSÉ DA SILVA (Pai da Vida) (tocante), JORGE DUARTE, JOAQUIM GALEGO, JOÃO M. SABIDO, MANUEL DA SILVA CASEIRO, HERCULANO DOS SANTOS, SEVERINO GASPAR (tocante), JOSÉ ANASTÁCIO RATO, HUMBERTO FLORINDO, BASÍLIO CARRIÇO, RUFINO VICENTE FLÔR, DOMINGOS FRANCISCO RICARDO (tocante), AVELINO TEODORO, MIGUEL AUGUSTO, MANUEL ESTEVES, SERAFIM FERNANDES, FRANCISCO RAFAEL COSTA, JOAQUIM DOS SANTOS GALEGO, GILBERTO LUIS (tocante), DOMINGOS QUINTINO, RICARDO EMILIANO, JOSÉ QUINTINO, JOSÉ MARIA e DOMINGOS GALHARÓZ.

50 ANOS DE SOLIDARIEDADE

Num.º	Nome	Data	Local
34	Antônio Luiz Machado	1 Maio 1919	Teres
35	José da Silva Bez da Loba	" " "	"
36	Jorge Duarte	" " "	"
37	Joaquim Galvão	" " "	"
38	José M. Cabido	" " "	"
39	Manuel da Silva Lagoa	" " "	Carreira
40	Acaciano dos Santos	" " "	Teres
41	Severino Gaspar	" " "	"
42	José Anastácio Dato	" " "	"
43	Huberto Almeida	" " "	"
44	Barbosa	" " "	"
45	Severino Gaspar	" " "	"
46	Domingos Francisco Ricardo	" " "	"
47	Antônio Teodoro	" " "	"
48	Miguel Augusto	" " "	"
49	Manuel Gomes	" " "	"
50	Severino Gaspar	" " "	"
51	Severino Gaspar Costa	" " "	"
52	Joaquim dos Santos Galvão	" " "	Teres
53	Albino Luiz	" " "	Teres
54	Domingos Espinheiro	" " "	"
55	Ricardo Ameliano	" " "	"
56	José Espinheiro	" " "	"
57	Severino Gaspar	" " "	"
58	Leandro Francisco	" " "	"
59	Domingos Galharoz	" " "	Carreira
60	Severino Francisco Gaspar	2 Junho 1922	Teres
61	Albino Galvão	" " "	Carreira
62	Albino Galvão	" " "	Teres
63	Joaquim Galvão	" " "	"
64	Joaquim Galvão	" " "	"
65	Manuel da Almeida	" " "	"

DC5 – 2ª folha (a 1ª perdeu-se) do livro de inscrição de sócios.

NOTAS COMPLEMENTARES:

A) No livro de registo de sócios inicial, que infelizmente perdeu a primeira folha, é possível verificar que, com data de admissão a 1 de Maio de 1919, são 59 os inscritos (Domingos Galharoz é o último e tem o nº 59);

B) Foi possível recuperar a identidade de 26 dos 33 sócios fundadores, que constavam da primeira folha desaparecida, consultando a lista renumerada de 1922, e de um outro, JOAQUIM CARLOS NUNES, que, “readmitido” em 1924, não constava das listagens anteriores;

50 ANOS DE SOLIDARIEDADE

C) O conceito de “sócio fundador” utilizado neste trabalho é, como se pode verificar, o do sócio inscrito na Associação desde a sua fundação, ou seja, desde o dia 1 de Maio de 1919. Este mesmo conceito foi também aquele que sempre foi utilizado internamente, como se comprova na distinção atribuída aos, ainda vivos na altura, “sócios fundadores” (Filipe Borges, Severino Gaspar, Carlos Luiz Sabido, José António Teodoro e Francisco Emiliano Xavier) aquando do cinquentenário da Coletividade.

Outros trabalhos, designadamente o “Registo Fotográfico da Freguesia de São Domingos de Rana e Alguns Apontamento Histórico-Administrativos” e o “Cascais Associações com História” consideram “fundadores” os três (Filipe Borges, Manuel Fernandes e Duarte Tomé Flores) que aqui consideramos como os autores da iniciativa que levou à “fundação” do “Grupo Recreativo de Bandolinistas”. Não acompanhamos este conceito até porque, em nosso entender, Duarte Tomé Flores, nem sequer pode ser considerado “sócio fundador” uma vez que a sua inscrição no Grupo só acontece em Outubro de 1919.

Já na tese “O G. R. e D. 1.º Maio de Tires - Dimensão Social de uma Coletividade Recreativa” são considerados 19 os “fundadores” desta Associação, informação que não podemos validar.

50 ANOS DE SOLIDARIEDADE



II - ORGANIZAÇÃO

Ao longo de meio século de vida da Associação conhece-se a existência de três versões estatutárias a regular a organização da instituição. Não são conhecidas as versões iniciais (de 1919 a 1935), embora se reconheça a sua existência: - na AG de 19 de Março de 1922, e numa sua intervenção, **Albino Moreira Sabido** reclama da demora na impressão dos Estatutos e da elaboração de um Regulamento, a cargo de uma comissão eleita em anterior AG. Versões contidas nos “*Estatutos de 1935*”, depois nos “*Estatuto de 1952*” e, mais tarde, nos “*Estatutos de 1964*” permitem-nos analisar a evolução da Lei orgânica da Coletividade, particularmente no que diz respeito à “*denominação*”, “*objeto*”, “*órgãos sociais*” e “*quota*”.

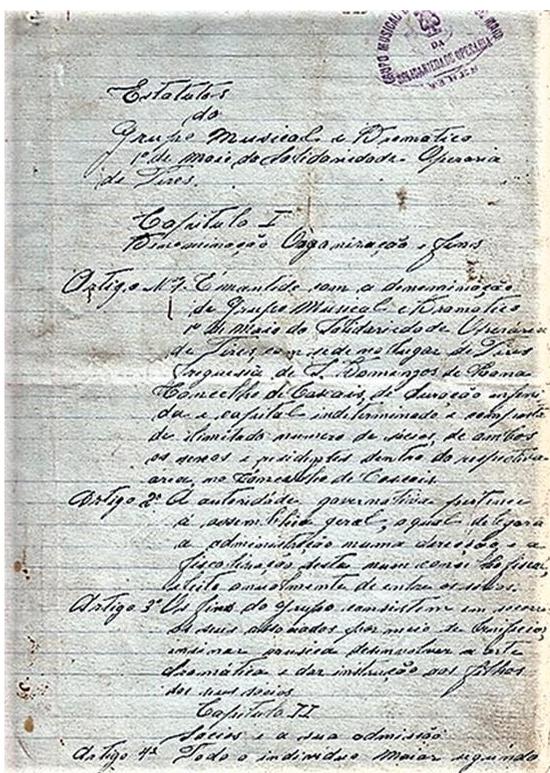
1) - *Denominação e Objeto*

Denominação e objeto estão normalmente relacionados.

Mesmo desconhecido o conteúdo dos Estatutos da Associação na sua fase inicial é perceptível que o objetivo fundamental era, nessa altura, a

promoção do “baile”. A atividade recreativa está, aliás, bem transcrita na denominação inicial “**Grupo Recreativo de Bandolinistas...**”.

Com o aparecimento de um *Grupo Dramático*, situação que ocorre em Novembro de 1923, uma nova atividade se instala. O objetivo “recreativo” divide-se por “música” e “teatro”, justificando assim a alteração da denominação da Coletividade, que veio a ocorrer mais tarde (sem que se saiba qual a data exata). A nova denominação - “**Grupo Musical e Dramático 1º de Maio da Solidariedade Operária de Tires**” - aparece pela primeira vez transcrita na ata da AG de 19 de Março de 1926. Nos “*Estatutos de 1935*” (DC6) a Associação consagra esta denominação e define como seus objetivos:



DC6 – Estatutos de 1935

(Artº 3º) – “Os fins do Grupo consistem em socorro dos seus associados por meio de benefícios, ensinar música, desenvolver a arte dramática e dar instrução aos filhos dos seus sócios”.

Esta versão de Estatutos, manuscrita, que chega aos nossos dias, foi aprovada na AG de 28 de Setembro de 1935. Crê-se que terá surgido pela necessidade de, não só adequar a denominação e o objeto social, como também a de legalizar a Associação perante o Estado.

50 ANOS DE SOLIDARIEDADE

Esta necessidade de legalização já tinha sido levantado quando, em 1930, na AG de 15 de Fevereiro, se deu conta do officio do “*Sr. Administrador do Concelho de Cascais*” a convidar “*o presidente do Grupo a ir aquela Administração fazendo-se acompanhar do respetivo alvará e uma cópia dos estatutos*”. **Manuel Fernandes**, então encarregue de tratar do assunto, esclarece, na mesma Assembleia, que tendo, junto do secretário do Administrador do Concelho, declarado a inexistência dos documentos solicitados, recebeu a informação de que “*nenhuma sociedade poderá funcionar sem o seu alvará*”, como exigido em Portaria publicada no Diário do Governo.



DC7 - Estatutos de 1952

50 ANOS DE SOLIDARIEDADE

Na versão dos “*Estatutos de 1952*”, tendo-se mantida a designação do Grupo, foi alterada a transcrição do objeto social, que passou a ter a redação seguinte:

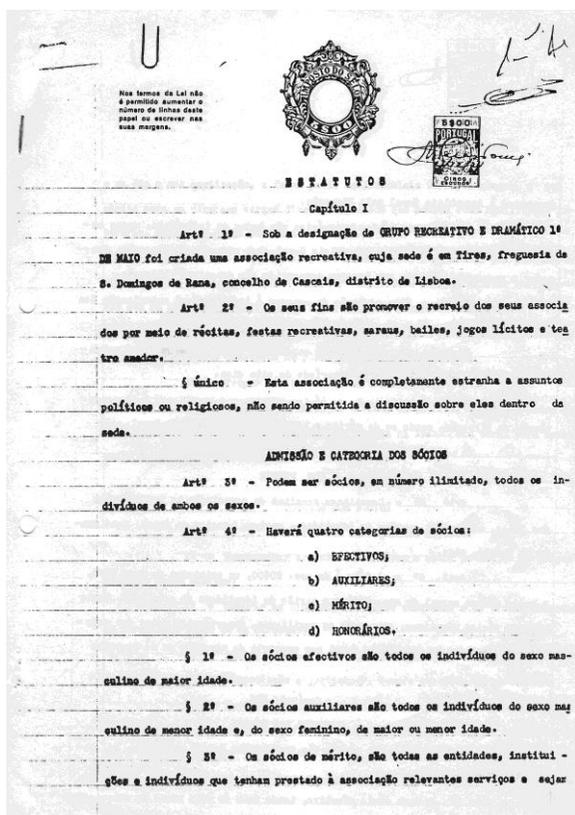
“*Art.º 2.º - Esta Sociedade tem por fim:*

1.º - Cultura Musical e Dramática;

2.º - Recreio dos seus associados e família;

3.º - Criar uma Biblioteca para ilustração dos sócios, quando as suas forças materiais o permitirem”.

Nos “*Estatutos de 1964*” a denominação altera para “**Grupo Recreativo e Dramático 1º de Maio de Tires**” e no objeto elege-se o “*promover o recreio dos seus associados por meio de récitas, festas recreativas, saraus, bailes, jogos lícitos e teatro amador*”.

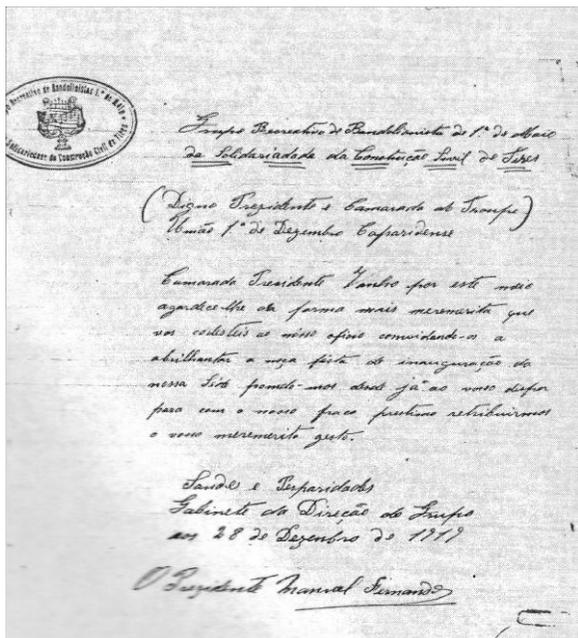


DC8 – Estatutos de 1964

2) – *Órgãos Sociais*

No que diz respeito aos órgãos sociais a evolução deu-se, com particular significado, com as alterações da composição do órgão Direção. Esta, inicialmente formada apenas por três elementos - um *Presidente*, um *Secretário* e um *Tesoureiro* - via as suas atribuições diretivas serem repartidas, quer pela própria Assembleia Geral quer pelas diversas Comissões eleitas para fins determinados. Posterior e progressivamente a Direção foi assumindo cada vez maiores responsabilidades, originando, por isso, o aumento da sua estrutura. Com a versão estatutária de 1935 a Direção passa a ser composta por 5 elementos – *Presidente, Secretário, Tesoureiro e dois Vogais* – número que se mantém na versão de 1952, embora com a introdução de um 2º Secretário em detrimento de um Vogal – e na versão de 1964 por 7 elementos – *Presidente, Vice-Presidente, 1º e 2º Secretários, Tesoureiro e 2 Vogais*.

A Assembleia Geral assume, nestes primeiros anos, importância determinante na administração e direção da Coletividade, mesmo no tratamento de assuntos de mera gestão. A composição da Mesa é feita por nomeação direta na própria Assembleia e só a partir de 1927 se incluem, nas listas dos órgãos sociais a eleger para o ano, os 1º e 2º Secretários da Mesa, mantendo-se a Presidência a ser assegurada por um camarada nomeado na própria Assembleia. Só no ano de 1922 foram realizadas 5 AGs que foram presididas por 4 elementos distintos: **João Francisco Cândido** (único repetente), **Duarte António Tomé, Serafim Anastácio e José da Silva**. Ao invés, **Artur Moreira Sabido** é sempre o 1º secretário nestas 5 AG, como aliás é constante neste cargo ao longo dos primeiros 20 anos de atividade. São por ele manuscritas quase todas as atas das AG realizadas neste período.



**DC9 – Carta do Grupo R. de Bandolinistas à
Trupe União Caparidense**

O Conselho Fiscal nem sempre consta dos órgãos sociais a eleger, como se verifica no citado caso de 1922, mas, em todas as Assembleias onde se apresentam as contas da gerência transata, é sempre nomeada uma *Comissão Revisora* para a verificação das mesmas. A nomeação duma *Comissão Revisora de Contas* é mesmo consignada nos Estatutos de 1935 e a

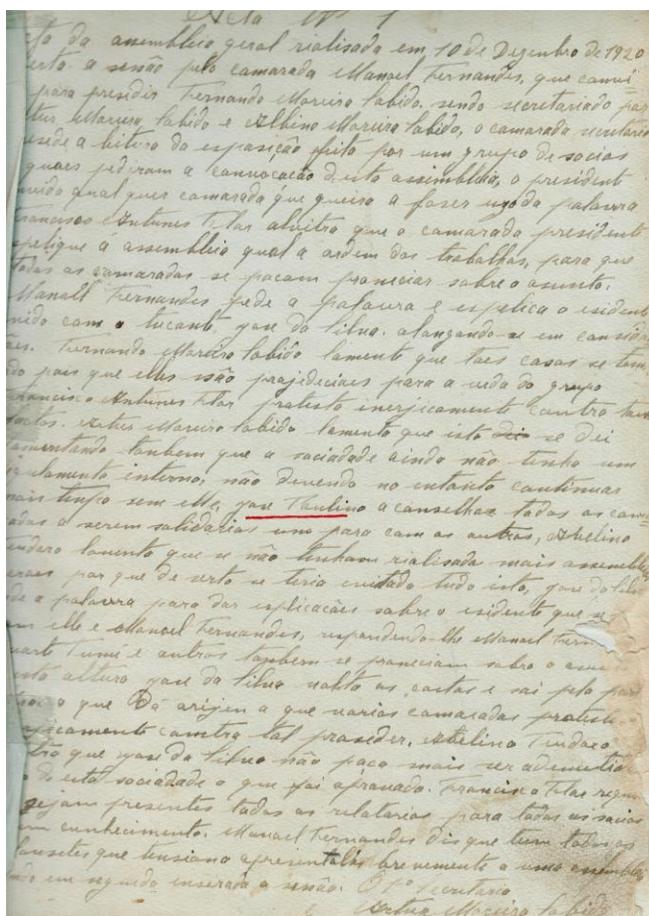
figura do Conselho Fiscal só é instituída com os Estatutos de 1952.

Não foi possível determinar a composição dos órgãos sociais do Grupo nos três primeiros anos de vida associativa. A identidade do primeiro Presidente da Direção, **Manuel Fernandes** (um dos três fundadores que tomaram a iniciativa de constituição da mesma), é confirmada pela carta enviada à Trupe União 1º de Dezembro Caparidense nos finais de 1919 (**DC6**), confirmando a requerida presença do “*Grupo de Bandolinistas de Tires*” nos festejos daquela coletividade, em que o citado subscreve na qualidade de Presidente da Direção. **Manuel Fernandes** será, presumivelmente, Presidente ainda durante o ano de 1920 uma vez que é dele que parte o convite a **Fernando Moreira Sabido, Artur Moreira Sabido e Albino Moreira Sabido**, para constituição da Mesa (nos lugares de Presidente, 1º e 2º

50 ANOS DE SOLIDARIEDADE

Secretários, respetivamente), quando da realização da Assembleia Geral de 10 de Dezembro de 1920, da qual resulta a Ata nº 1 do livro de atas de AG (DC7) que chegou aos nossos dias.

No mesmo livro as Atas 2, 3, 4 e 5 não constam, as folhas estão em branco, logo não se conhecem os seus conteúdos. Apenas, na Ata nº 7 da AG de 5 de Janeiro de 1922, pela primeira vez, se dá conta da eleição dos corpos gerentes para o ano. São eles: Direção: **Joaquim Emiliano** (Presidente),



DC10 – Ata nº 1 da Assembleia Geral do Grupo Recreativo de Bandolinistas

Filipe Borges (Tesoureiro) e **Albino Moreira Sabido** (Secretário); Conselho Fiscal: **José Doroana, José da Silva e Fernando Moreira Sabido**; Diretor para o Grupo Musical: **Domingos Francisco Ricardo**.

Aos órgãos executivos juntavam-se “*comissões*”, também nomeadas em AG, para o desempenho de determinado número de tarefas: - serviços de bufete, organização de festas ou peditórios de beneficência, diálogos conciliatórios para resolução de diferendos com sócios, músicos ou outros parceiros, serviço de “*porteiros*” para controle de entradas nos bailes e até mesmo para “*acendedores de gasómetros*” para iluminação da sala. São disso exemplos:

- 1- No mesmo ano de 1922 (AG de 22/02) – são nomeadas duas Comissões: uma para o serviço de bufete nos Bailes de Carnaval: **Domingo, Avelino Teodoro e Lourenço Luiz Sabido**; 2ª Feira, **Manuel José Rato e Fernando Moreira Sabido**; 3ª Feira, **Domingos Francisco Ricardo e Joaquim dos Santos**;
outra para encetar, com a senhoria, discussão para aumento da renda da sede, composta por: **Avelino Teodoro, Domingos Francisco Ricardo e Manuel José Rato**;
- 2- No ano de 1923, na AG de 21/12, são nomeados **Filipe Borges e Manuel Fernandes** para procurarem a resolução da dívida junto dos sócios com quotas em atraso;
- 3- No ano de 1936, na AG de 02/02, para além da *Comissão Revisora de Contas* (contas de 1935) [**Luiz Costa Beja, Artur Moreira Sabido e José Anastácio Teodoro**] e dos *Órgãos Sociais* para o ano corrente [Direção: **Francisco Damásio José** (Presidente), **Francisco Vicente Costa** (Secretário), **Francisco Assis Mafra** (Tesoureiro), **Amadeu e José da**

Silva (Vogais); Mesa da Assembleia **Artur Moreira Sabido** (1º Secretário) e **Artur dos Santos** (2º Secretário, que será também Cobrador)] elege ainda **Domingos dos Mártires Luiz e Domingos Francisco Ricardo** para *tratar dos candeeiros*, e **Emiliano da Silva, José Justino, Carlos Luiz Sabido, Aires Duarte, Joaquim dos Santos e José António Teodoro** para o *Bufete*.

No mesmo ano, e na AG de 14/03, é ainda constituída a *Comissão de Assinaturas* (que passa a intermediar a aquisição dos passes de comboio, dos associados que trabalham em Lisboa, junto à Companhia da Linha do Estoril) nomeando-se os *camaradas* **Artur dos Santos** (Secretário), **Artur Moreira Sabido** (Tesoureiro) e **Domingos José Paulino** (Cobrador), e ainda a *Comissão para iniciar os trabalhos de construção da nova sede* que seria constituída pelos membros da Direção e pelos sócios **Artur dos Santos, Manuel Moreira, Heliodoro Moreira Sabido, Domingos dos Mártires Luiz e José António Teodoro**.

Em 1953, já sob a legislação dos novos Estatutos aprovados no ano anterior, os órgãos sociais eleitos para o ano em curso (AG de 17 de Janeiro) foram: para a Mesa da Assembleia Geral - **Manuel da Silva Doroana** (Presidente), **Libertário Cândido** (1º secretário) e **Albertino Moreira** (2º secretário); Direção – **Carlos Moreira da Costa** (Presidente), **Luiz Tomé** (1º secretário), **Ernestino Doroana** (Tesoureiro), **João Antunes** (2º Secretário), **Emiliano Delgado** (Vogal), **Constantino Teodoro** (Cobrador); Concelho Fiscal - **Raúl Moreira Sabido, Teodoro Félix e Francisco Xavier**. A “*Comissão para o Bufete*”: **José Damásio, Serafim Tomé, José Maquinista, Libertário Cândido e Antero Cândido** . A “*Comissão de Assinaturas*” repete a composição do ano anterior com **Carlos Xavier** (Tesoureiro) e

António Teodósio (Cobrador) e a “*Comissão de Beneficência*”, que tinha iniciado a sua atividade no ano anterior, elege, em Assembleia própria a 26/09/1953, a sua direção, composta por: **Filipe Borges** (Presidente), **Serafim Tomé** (1º Secretário), **Franklim Sabido** (2º Secretário), **João Rainha Moreira** (Tesoureiro) e **Sisenando Tomé Sabido** (Vice-Presidente).

Em 1965, aprovados que foram os Estatutos de 1964, os corpos gerentes para o ano, eleitos na AG de 23/01/65, são: Mesa da Assembleia Geral – **Duarte Carlos Sabido** (Presidente), **José Luis Tomé Sabido** (1º Secretário), **João Vieira da Rosa** (2º Secretário), Direção – **Carlos Moreira da Costa** (Presidente), **Ernestino Jesus Doroana** (1º Secretário), **Edmundo Duarte Ferreira** (2º Secretário), **Alexandrino Moreira** (Tesoureiro), **Emiliano Delgado** (Vice-Presidente), **Constantino Teodoro**, **Vasco Augusto** e **José Manuel Oliveira** (Vogais); Concelho Fiscal – **José Vicente Martinho**, **António Xavier** e **Jorge Paulino**; Cobradores – **Augusto Luis Marques** e **Carlos Augusto dos Santos**. Neste ano já não se observam nomeações de “*comissões*”.

As “*Comissões de obra*”, cuja ação se exercia normalmente ao longo de vários anos, foram presença quase constante ao longo dos tempos. A elas voltaremos, no capítulo seguinte (Cap. III – Sede) quando tratarmos de obras de construção ou alteração da(s) Sede(s).

Foi sempre norma das “*Comissões*” fazerem uma gestão independente da Direção, incluindo a parte financeira, apresentando contas diretamente em AG. Apenas após a aprovação dos Estatutos de 1964, onde consta: *Artº 23º - “O Tesoureiro da Direção será também o Tesoureiro das Comissões”*, se unifica a gestão financeira da Coletividade.

c) - Quotas

O vínculo de ligação do associado à Associação era assegurado pelo pagamento de uma quota mensal, cobrança essa que assegurava a única receita regular da Coletividade. Inicialmente os sócios pagavam uma quota de \$30 (trinta centavos) por mês, valor que foi aumentado no início do ano de 1922 para \$40 (quarenta centavos), para depois, em Agosto de 1924, passar para 1\$00 (um escudo), e 1\$50 (um escudo e cinquenta centavos) em Janeiro de 1929. Mas, logo em Dez 1930, foi discutido em AG, por proposta de **Manuel Fernandes**, então secretário da Direção, um aumento para 5\$00, que assim daria para fazer face ao considerável aumento da renda da “casa” e aos encargos derivados das obras de beneficiação da sede. A proposta foi muito contestada e não foi aceite. Este valor de quotização (5\$00) só acontecerá em 1964, valor mínimo de quota previsto nos Estatutos aprovados nesse ano. Entretanto, em AG de 13 de Março de 1960, havia sido aprovado um novo valor de quota, de 4\$00, para ser cobrado a partir do 2º semestre desse ano.

50 ANOS DE SOLIDARIEDADE



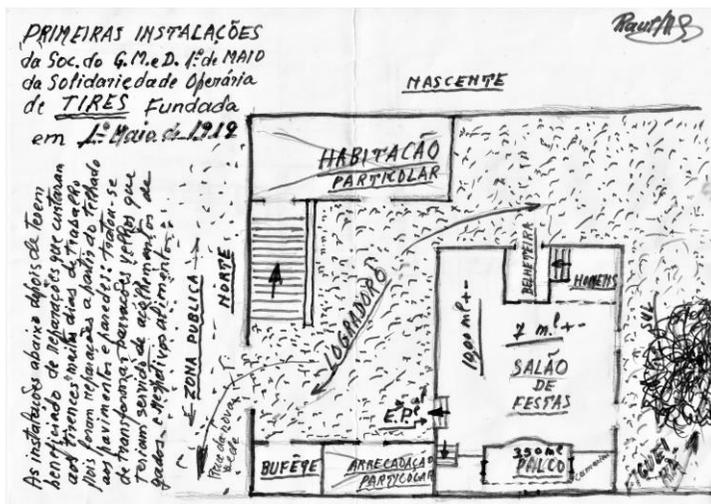
III - SEDE

III.1 A SEDE PRIMITIVA

Ao “*Grupo de Bandolinistas*” recentemente constituído faltava o espaço, uma sede, para aí concentrar e desenvolver toda a sua atividade. Como solução recorrem ao aluguer de um barracão, que anteriormente fora local de alojamento de almocreves. Só com o grande empenho e trabalho voluntário de todos foi possível adequá-lo para seu salão de festas.

O dito espaço situava-se a Nascente do atual Pavilhão Serafim Tomé dos Santos, sobranceiro ao mesmo, no interior dum pátio que, mais tarde, ficou conhecido pelo “*Pátio do Lenine*”, por aí ter nascido e vivido **Lenine Antunes Flôr**, filho de **Francisco Antunes Flôr**, um dos *camaradas* que se associou a esta Coletividade ainda no primeiro ano de existência desta, e neto de **Joana Maria Sabido**, a senhoria, proprietária do barracão arrendado.

A renda paga no referido aluguer foi inicialmente de 1\$50 por mês, valor que duplicou, para 3\$00 por mês, a partir do dia 1 de Abril de 1922 por exigência da senhoria, facto bastante contestado e discutido pelo Grupo. O



DC11 –Esquema com a planta da Sede Primitiva do Grupo desenhado por Raúl Moreira Sabido

aumento foi aceite em Assembleia Geral realizada em 19 de Março de 1922 com o compromisso da senhoria, assumido por assinatura da respetiva ata, de não voltar a aumentar a renda nem a ordenar o despejo num prazo de 10 anos. Aos pagamentos da renda seriam ainda descontados os valores gastos nas reparações da casa.

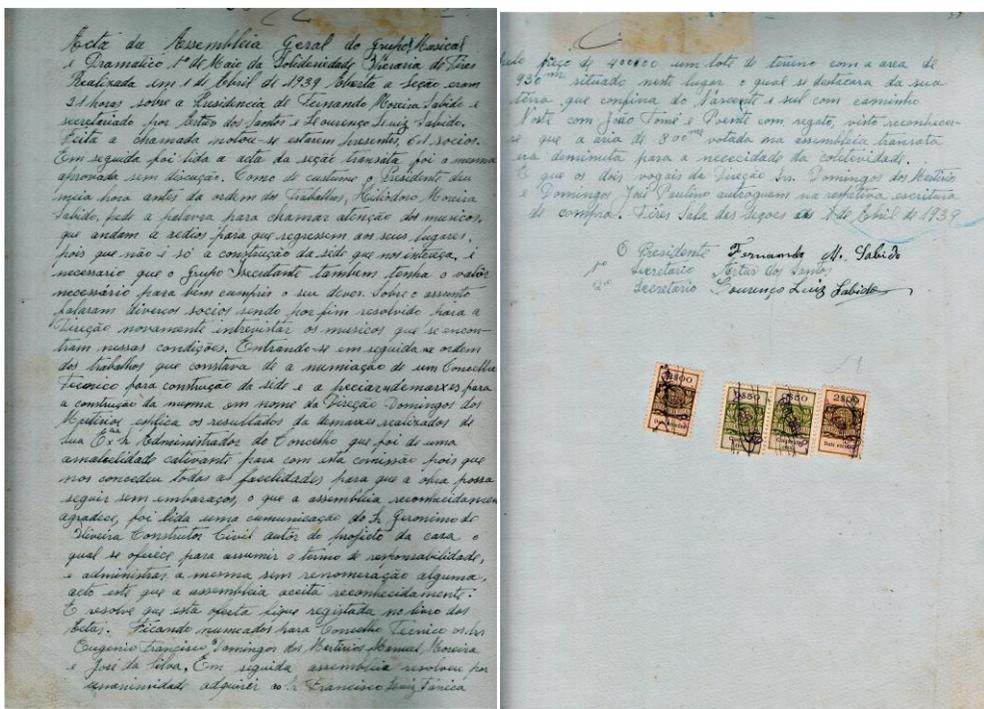
No entanto no final de 1930, por decisão da Direção em funções, retificada pela Assembleia Geral de 8 de Dezembro de 1930, é aceite o aumento de renda para 50\$00 mensais. À data decorriam obras de melhoramento que proporcionariam o forro do teto e a construção de um guarda-vento à entrada do Salão de Festas. Por curiosidade anota-se que o guarda-vento serviria para vedar o acesso visual ao interior no decorrer dos bailes: – “quem quiser gozar terá de pagar”, é dito na Assembleia.

Ao longo dos anos as condições degradam-se e a hipótese de avançar para a construção de uma sede em edifício próprio começa a ser equacionada. O assunto é discutido com grande entusiasmo e determinação na AG de 14 de Março de 1936 acabando por sair nomeada uma comissão pró-sede composta

50 ANOS DE SOLIDARIEDADE

pelos membros da Direção – **Francisco Damásio José** (Presidente), **Francisco Vicente Costa** (Secretário) e **Francisco Assis Mafra** (Tesoureiro) - e pelos camaradas **Artur dos Santos**, **Manuel Moreira**, **Heliodoro Moreira Sabido** e **Domingos dos Mártires Luiz**.

Depois, já em 1939, é decidido adquirir um terreno onde possa ser construída a tão desejada construção de uma nova sede. Na Assembleia Geral de 14 de Janeiro é resolvido, por unanimidade dos 41 sócios presentes, adquirir ao **Sr. Francisco Luiz Faneca** pela importância de 400\$00 um lote de terreno com 800 m², delegando-se nos vogais de Direção entretanto eleitos, **Domingos dos Mártires** e **Domingos José Paulino**, a competência de outorgarem na respetiva escritura.



DC12 – Ata AG de 14/01/1939 que decide sobre a compra de terreno para construção da nova sede

50 ANOS DE SOLIDARIEDADE

Logo depois, os 61 sócios presentes na Assembleia Geral de 1 de Abril do mesmo ano, deixam registados em ata os seus reconhecidos agradecimentos ao Exmo. Sr. *Administrador do Concelho*, depois de, em nome da Direção, **Domingos dos Mártires** ter dado conhecimento das “*démarches realizadas*” junto deste, “*que foi de uma amabilidade cativante para com esta comissão pois que nos concedeu todas as facilidades para a obra prosseguir sem embaraços*”, e ao Sr. **Gerónimo de Oliveira**, Construtor Civil autor do projeto, que “*oferece, graciosamente, a sua responsabilidade técnica profissional para a execução da obra*”. É nomeado um “*Conselho Técnico*” para coordenação dos trabalhos que se compõe pelos camaradas: **Eugénio Francisco, Domingos dos Mártires, Manuel Moreira e José da Silva**. A escritura de compra do terreno far-se-á agora pela área de 930 m2, e não os 800 m2 que foram considerados insuficientes, mas pelo mesmo valor de 400\$00.

III.2 - A NOVA SEDE

A construção da nova sede do “*Grupo Musical e Dramático 1º de Maio da Solidariedade Operária de Tires*” foi mais uma notável realização dos associados desta agremiação.

Se em 1919, quando da fundação da Coletividade, as condições sociais vigentes da população residente eram precárias, muito devido à instabilidade política vivida com a instauração da República e a Primeira Guerra Mundial, 20 anos depois as condições não eram significativamente melhores. A implantação do Estado Novo e o aparecimento da segunda Guerra Mundial

50 ANOS DE SOLIDARIEDADE

não proporcionavam uma vida minimamente desafogada a uma população que, na sua generalidade, vivia do magro salário conseguido na dureza do seu trabalho operário ou agrícola.

É neste contexto que, em 1939, mas com um espírito associativo e solidário forte, os membros desta Coletividade se aventuram na construção de um edifício sede, no terreno que já haviam adquirido para esse fim.

Se o entusiasmo já se havia manifestado quando da iniciativa da construção (AG de 14 de Março de 1936), quando se deu o início dos trabalhos, com a abertura das fundações, *“não havia caboucos que chegassem para tanta gente que queria colaborar”* (*) (pag. seguinte).

Paulatinamente, no decorrer do ano de 1940, as paredes (em alvenaria de pedra argamassada com saibro e cal) foram crescendo, sempre através do trabalho braçal e voluntário dos associados, trabalho esse executado aos Domingos, no seu dia de descanso semanal.

Às mulheres, também elas solidárias com a causa, cabia o abastecimento de água, necessária às amassaduras da construção, e a ajuda no transporte da pedra da pedreira para a obra. A água era transportada, em bilhas de barro, duma fonte existente num poço junto à ribeira, nos terrenos que posteriormente foram pertença do Carlos Florindo. À época era essa a fonte onde a população de Tires se abastecia, antes do aparecimento da água canalizada. Às mulheres estava também reservado o papel da preparação do “farnel” e nas paragens para a “bucha” aproveitava-se para cavaquear um pouco, talvez sobre o baile que aconteceria lá mais para a noite.



DC13 – Jornal “O Século” noticiando o ciclone que varreu a área de Lisboa

No dia 15 de Fevereiro de 1941 um ciclone com “ventos fortes que atingiram os 127 Km/h na região de Lisboa” (pode ler-se no jornal “O Século” do dia seguinte) deixa um rasto de destruição e morte por todo o país, provocando também um grande revés na construção da sede da Coletividade. A força do temporal derruba a parede da fachada Poente, justamente quando as paredes mestras já estavam na sua altura máxima, niveladas para receber as asnas de cobertura. “Em Tires não houve

ninguém que não chorasse!” (*). A parede veio abaixo mas a coragem e determinação das pessoas não, e a fachada foi reerguida.

A 20 de Dezembro de 1942 faz-se a inauguração provisória da construção, ainda em tosco e sem acabamentos, transferindo-se toda a atividade da coletividade das suas instalações primitivas para a nova sede tão desejada. Em 1943 bailes, ensaios do Grupo Musical e do Grupo Dramático, já vão ser realizados no novo salão.

Tal como já acontecia na sede primitiva, a iluminação, num primeiro tempo, provinha de candeeiros a petróleo (os “petromaxes”), substituídos depois por “gasómetros”, que utilizavam a combustão de carbureto (de cálcio), devido à falta e ao racionamento do petróleo, consequência da guerra.

(*) – Expressões utilizadas no testemunho de Raul Moreira Sabido

50 ANOS DE SOLIDARIEDADE



Câmara Municipal de Cascaes
OBRAS

522/0659 15

Origem de terras de responsabilidade: por 265 dias 5700

Para execução de qualquer obra: **LICENÇAS-TARIFA GERAL**

a) por 265 dias 25700

b) por cada período de 30 dias ou fração além de 12 meses 8

TARIFAS DE SUPERFÍCIE

Além da tarifa geral, construção nova, modificação ou ampliação:

a) Até 100m² 63000

b) De mais de 100m² a 500m², acresce a taxa anterior 8

c) De mais de 500m² a 1000m², acresce a taxa anterior 8

d) De mais de 1000m² 8

TARIFAS ESPECIAIS
ALÉM DAS TARIFAS ANTERIORES

I - Para construção de janelas, de sacada, balcões ou varandas abertas sobre a via pública:

a) Até 0,50 de balço: 8

b) De mais de 0,50: 8

c) Até 0,50 de balço, por andar e por metro linear: 10000

II - Marcapisos ou varandas salientes sobre a via pública:

a) Até 0,50 de balço por andar e por metro linear: 10500

b) De mais de 0,50 por andar e por metro linear: 11000

III - Para construção de alpendres:

a) Até 1 metro de balço: 15000

b) Mais de 1 metro de balço: 20000

IV - Terrapço no prolongamento de pavimentos ou coberturas utilizadas:

a) Até 100m²: 8500

b) Mais de 100m² até 300m², a taxa anterior mais: 8200

c) Mais de 300m²: 18000

V - Muros e grades delimitativas:

cofinantes com a via pública: 3500

VI - Volutas de muros ou qualquer relevos parietais:

cofinantes com a via pública: 2500

VII - Terrenos escarpados, lapidários e jardins realizados em abas com a via pública:

a) Até 100m²: 20000

b) Mais de 100m²: 25000

VIII - Telhados, copistas e rampas em lapidários, galerias ou jardins:

a) Até 50m²: 8000

b) Mais de 50m²: 18000

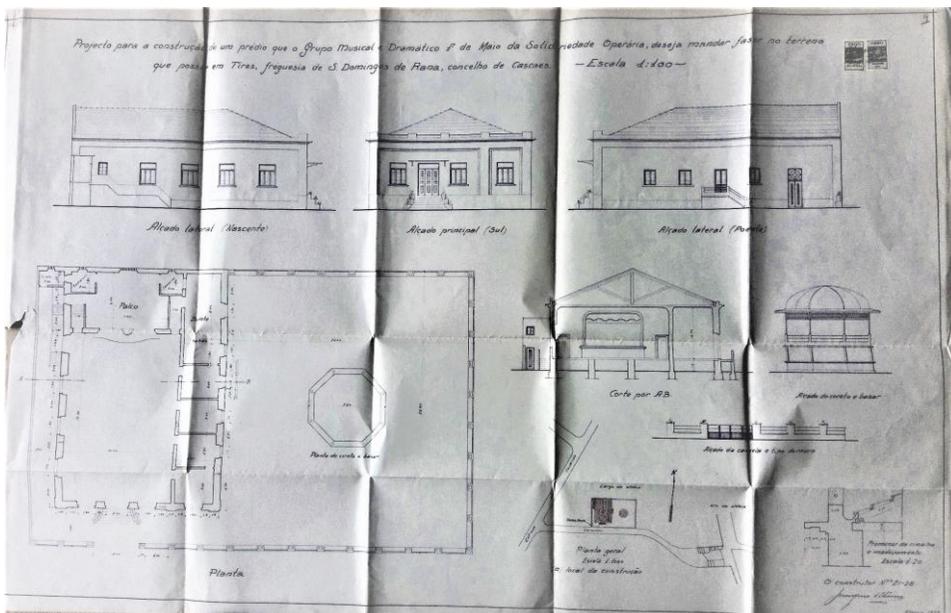
IX - Modificação de fachadas porticadas:

a) Abertura, ampliação ou fechamento de vãos de porta ou janelas vãos a 10000

b) Reforma ou alteração de fachada 5000

A TRANSPORTAR 17250

DC14 – Requerimento para licenciamento da construção da Nova Sede e respetivas taxas



DC15 – O projeto da Nova Sede

50 ANOS DE SOLIDARIEDADE



*FT01 – 1º de Maio de 1939 – Filipe Borges
no lançamento da 1ª pedra da Nova Sede*

Na Assembleia Geral realizada em 14 de Fevereiro de 1948 foi nomeada nova comissão de obras, para conclusão dos trabalhos, constituída por: - Carpinteiros: **Manuel Moreira, Aires Duarte e Manuel Catita;** Pedreiros: **Mártires Luiz, Joaquim das Neves e Manuel Borges;** Canteiros: **José da Silva e Filipe Borges;** Pintores: **Salvador Delgado e Luis Pinto;** Tesoureiro: **Heliodoro Sabido.**

Os trabalhos de acabamentos concluíram-se apenas em 1951, ano em que, finalmente, se inaugura definitivamente a nova sede.

Porém só em 1954 a rede elétrica e a rede de água canalizada chegam a Tires, e é a partir dessa altura que a sede da coletividade passa a dispor destas redes.

É exatamente no dia 11 de Abril de 1954 que, no Salão da Nova Sede GMD 1º de Maio da SO de Tires, decorre a cerimónia de inauguração da luz elétrica em Tires, ato em que a Coletividade se fez representar pelo seu então Presidente de Direção **Filipe Borges.**

A INAUGURAÇÃO DA LUZ ELÉTRICA EM MANIQUE E TIRES

Comemora a surgir os benefícios resultantes da celebração do novo controle da luz.

É de esperar que todo o conceito venha a usufruir, num futuro breve, das individuais vantagens de energia eléctrica.

No dia 11 deste mês foi inaugurada a luz eléctrica nas povoações de Manique e de Tires. Na primeira destas localidades estiveram presentes ao acto os Srs. Tenente-Coronel José Raposo Pessoa, presidente da Câmara Municipal de Cascais, alguns vereadores, Eng.º João de Korth, director das Companhias Reunidas Gás e Electricidade, D. Vasco Belmonte e Lino de Sousa, funcionários superiores desta empresa, Roberto dos Reis, chefe da secretaria do Município de Cascais, o director do Instituto Salesiano de Manique, representantes da U.N. e da Junta de Freguesias de S. Domingos de Rana e outras entidades locais, bem como muito povo.

A ligação da corrente foi feita, a convite do Sr. Presidente da Câmara, por uns das habitantes mais idosas da localidade.

Seguidamente realizou-se na sede do Grupo Musical de Beneficência de Manique de Baixo uma sessão solene, no decorrer da qual usaram da palavra o Sr. D. Idalino Policarpo, que, em nome do povo de Manique, agradeceu à Câmara Municipal de Cascais e às Companhias Reunidas Gás e Electricidade o benefício recebido; o Sr. Manuel Orszp, director da colectividade, que também dirigiu agradecimentos às duas entidades e que aproveitou a ocasião para pedir a construção duma escola; o Sr. Padre Diamantino, director do Instituto Salesiano de Manique; o Sr. Eng.º João de Korth, que agradeceu em nome das Companhias Reunidas e, no final, o Sr. Presidente da Câmara, que endereçou os parabéns a todos os habitantes, louvando os benefícios da electrificação.

O Sr. Tenente-Coronel Raposo Pessoa fez notar, por último, o facto de o povo de Manique nunca lhe ter dirigido qualquer pedido, durante os seus 15 anos de actividade na Câmara, o que, por um lado, podia ser tomado como orgulho, podia também constituir motivo para reprimenda, por denotar os falta de interesse ou desânimo.

Seguiu-se um bebereite, oferecido por uma comissão de senhoras da localidade.

Por entre o estralar de foguetes e mortefros, os visitantes dirigiram-se depois para as cabanas das prisioneiras de Tires, onde foram recebidos, no meio de aclamações, pelos representantes das juntas de Freguesias de S. Domingos de Rana e Paredé.

A guarda de honra foi feita pelos bombeiros voluntários de Paredé, Carcavelos, Cascais e pelas representações das sociedades recreativas de Abolada, Alcabala, Bicesse, Caparido, Carcavelos, Porto Salvo, Rebelva, Talaiá e Tires, que eram portadoras dos estandartes respectivos.

Em 10 h. e 40 minutos quando o presidente da direcção da Sociedade de Tires, a convite do Sr. Presidente da Câmara, entrou no ponto de transformação 995, para fazer a ligação da corrente eléctrica que havia de levar a luz, e com ela a alegria, ao povo de Tires.

Organizou-se em seguida um



Um aspecto da sessão solene em Tires

cortejo em direcção à sede da Sociedade, no qual tomaram parte, também, os alunos das escolas de Tires, a banda da Função de Oitros, que executou, momentos antes, sob a regência do maestro Sr. Amadeu Stoffel, um magnifico concerto, e alguns militares de passageio, que não ocultavam o seu orgulho.

Na sessão solene que se seguiu na sede do Grupo Musical e Lira-

ria.

UM GESTO ALTRUISTA

Um dos nossos estimados amigos que pretende conservar o seu nome no ambiente, beneficiar da obra de assistência às crianças pobres das escolas de Cascais, aqui comemora o 7º aniversário do seu nascimento natalício, celebrando, no dia 17 deste mês, as 24 crianças que frequentam aquela obra, o primeiro almoço, convidando algumas famílias de cores e de paribás.

Os convidados iniciaram, como era de esperar, o estudo de transcrição, mas uma filha de família de origem humilde, não há pouco, não para a escola em jejum, sem falta!

Sociedade Recreativa Musical DE CARCAVÉLOS

Da direcção desta semana, actualizada, resultaram os seguintes dados, os quais nos mostram que a primeira reunião após a sua primeira apresentação em sessão solene, tendo sido pela cantinidade, cada vez mais numerosa, desta junta.

Entretanto sensibilizada por esta prova de solidariedade e de desinteresse, realizou-se a Direcção do Benéfico Musical da Colectividade ao nível do seu trabalho, mas para a que entender a bem da colectividade que dirige.

DC16 - Notícia do jornal "A Nossa Terra", de 24 de Abril de 1954, sobre a inauguração da luz eléctrica

50 ANOS DE SOLIDARIEDADE



FT02 – Filipe Borges, Presidente da Direção do GMD1º de Maio da SO de Tires, no ato simbólico da ligação da energia elétrica a Tires.



FT03 – Imagen da NOVA SEDE, cenário de um grupo de dança

III.3 – AMPLIAÇÃO DA SEDE

Cinco anos depois da completa conclusão (incluindo eletrificação) da construção da sede, obras que decorreram ao longo 15 (!) anos, pensa-se já na necessidade de ampliar a mesma. Na AG de 25/04/1959 o assunto “*ampliação da sede*” é discutido nomeando-se uma “*comissão de obras*” para dar início ao processo. Dessa comissão faziam parte: **Filipe Borges, Manuel Doroana, Alfredo Flôr, Aires Duarte, Jorge Paulino, José F. Cândido, José Damásio e Carlos Moreira da Costa.**

Em AG de 06/10/1961 informam-se as associados que, da visita do *Presidente da Câmara Municipal de Cascais* às instalações da Coletividade, resultou a concordância da necessidade de execução de obras de ampliação. **Carlos Moreira da Costa** ficou então incumbido de fazer a entrega do projeto, do qual era autor, para aprovação nos respetivos serviços camarários. Porém só na AG de 29/09/62 é que este consócio comunica à assembleia “*que já havia autorização (da Câmara) para se começar as obras*”. Na mesma AG são então constituídas duas “*comissões*”, uma para “*dirigir as obras*” – **Carlos Moreira da Costa, José Vicente Martinho, Emiliano dos Santos Delgado, Aires Duarte e Ernestino Doroana** – e outra para “*angariar fundos (para as mesmas)*” – **Serafim Tomé dos Santos, José Luis Sabido, Edmundo Ferreira e Artur Sabido.**

Os trabalhos iniciam-se e decorrem à medida das disponibilidades económicas da Coletividade. Mesmo com empréstimos e ofertas de sócios, entre os quais se destaca a oferta de **Manuel da Silva Doroana** que se traduziu no pagamento, à firma “*Novobra*”, do fornecimento das asnas de cobertura

50 ANOS DE SOLIDARIEDADE

em betão pré-esforçado, no valor de 46.000\$00, a Coletividade tem de procurar, junto das entidades estatais, apoio financeiro para a conclusão das obras.

Na AG de 08/1966 é recebida a informação que o “*Fundo de Desemprego*” se compromete a subsidiar 30% dos custos das obras a realizar, mas desde que se proceda a modificações do projeto, para uma melhor adequação às necessidades. Com recurso a um arquiteto da “*Direção Geral dos Serviços de Urbanização*” (do “*Ministério das Obras Públicas*”), um novo estudo é elaborado e apresentado aos sócios na AG de 30/12/1967, ao mesmo tempo que se anuncia a possibilidade de um financiamento, agora de 40% sobre o valor de obras por realizar, por parte desta entidade.

Em 1969, ano último deste trabalho, as obras estão longe de estarem terminadas. No final do ano, na AG de 19/12/69, concluído o 2º ano de mandato consecutivo como Presidente da Direção, **Carlos Moreira da Costa** esclarece a assembleia de “*não ser de sua responsabilidade a paragem das mesmas, ao contrário do que pessoalmente alguns sócios se lhe dirigiram, pois só agora foi recebido o ofício do Ministério das Obras Públicas com a aprovação do subsídio de 140.000\$00 (40% do valor dos trabalhos em falta) para acabamento das mesmas*”.

IV - ATIVIDADES

IV . 1 - OS BAILES

A diversão é, seguramente, o principal propósito que leva à constituição desta coletividade. Festas com base na realização de bailes populares são a forma mais acessível de satisfação das necessidades recreativas da população local, forma privilegiada de ocupação dos seus tempos livres.

Constituída a Associação e conseguida uma sede própria para a mesma, a população de Tires pôde, enfim, dispor dum local próprio onde encontrar o convívio e confraternização que possa desanuviar do quotidiano árduo e duro do seu dia a dia. Antes da fundação da Coletividade só nas aldeias vizinhas, onde o processo associativo já tinha acontecido (Manique e Caparide), era possível dançar e conviver de forma organizada e sustentada. Mas esses lugares sendo próximos estavam distantes. Os caminhos para chegar lá eram

50 ANOS DE SOLIDARIEDADE

maus, sem iluminação e desprotegidos, sobretudo para quem tinha de os percorrer a pé e de noite.

Estes bailes populares passam a realizar-se com regularidade - por norma de quinze em quinze dias durante largos anos – na sede da coletividade. A estes acrescem os bailes especiais que se realizavam em datas festivas como no 1º de Maio (Aniversário), no Natal, na Páscoa e no Carnaval. Assumem igual tradição os festejos de Junho, em honra de Stº. António, bem como as festas do “Pic-nic”, realizadas ao ar livre.



***FT04 – Festa, Musica, Baile: Sabino Costa, Júlio Gaspar, Amélia Flôr,
Leonor Ricardo, Aníbal da Silva, João Moreira, Franklim Sabido, Jorge
Paulino e Serafim T. dos Santos***

As festas de Stº. António, de origem pagã, já se realizavam antes da constituição da Coletividade. Tal como se verificava em outras localidades vizinhas eram festejos que celebravam o fim das colheitas anuais, em povoações onde a agricultura era determinante, daí a sua realização em Junho.

50 ANOS DE SOLIDARIEDADE

Cada aldeia adota o seu Santo Popular como seu padroeiro e assim surge, na região, a tradição das festas de Stº António em Tires, das festas de São João em Abóboda, Manique e na Rebelva e das festas de São Pedro em Caparide.

Por curiosidade anote-se que as primeiras festas de Stº. António já realizadas por esta Coletividade e das quais temos registo, aconteceram em 1921, festejos onde foi conseguida uma receita a de 88\$00.

As festas do “Pic-nic”, existindo por cerca de 35 anos - iniciaram-se, presumivelmente, nos anos 1925/26 tendo terminado em 1962 -, reservavam às famílias da terra um Domingo (o primeiro de Setembro) de animada confraternização em torno de um bem aviado *farnel*, levado de casa e preparado de véspera. Comia-se, bebia-se, brincava-se e depois dançava-se, num baile animado pelo Grupo Musical da Coletividade. Logo que o sol se punha o baile continuava pela noite dentro, transferido para a sede do Grupo. Na década de 50 associou-se, a estes festejos, a “Comissão de Beneficência”

Grupo Musical e Dramático 1.º de Maio da
Solidariedade Operária de
TIRES

A Direcção desta colectividade perseguindo nas suas
grandes realizações leva a efeito

2—Formidáveis Bailes—2

Nos dias **10 e 14** de Novembro de 1951
nos quais brilharão os acordes musicais de

2—Categorizadas Orquestras—2

SÁBADO, 10 — às 21,30 horas — **BAILE DAS COLCHAS** no qual
colabora a **Orquestra Terceira**, incontestável orquestra que dispensa
adjectivos, pois é já conhecida no Concelho de Cascais.

A's 24 horas será atribuído um valioso prémio à colcha mais votada.

SÁBADO, 14 — às 21,30 horas — **BAILE DAS CÔRES** no qual cola-
bora a **Orquestra Monte Carlo**, orquestra conhecida e bastante apreciada
nas melhores casas de Lisboa. A's 24 horas serão atribuídos 2 valiosos prémios
ao cavalheiro e à dama que se apresentem respectivamente com a gravata e o
vestido mais igual à cor duma amostra sorteada.

**Grandes surpresas! Mais valiosos prémios! Grande animação!
Magnífica música!**

ESMERADO SERVIÇO DE BUFETE

Fig. A. Réplica de Cascais, Lda.—R. Alexandre Heróclito, 21 — Telef. 118 — 200 ex. — 4.931

**GRANDE
PIC-NIC**

de confraternização Operária

Organizado pela Direcção do
Grupo Musical e Dramático da
Solidariedade Operária de Tires

à sombra de frescos olmeiros num aprazível re-
fúgio nas Regueiras, Tires, onde se come, brinca,
ri e dança ao som duma **CEMIDAVIL ORQUESTRA** a
partir das 14 horas de dia **2 de Setembro de 1951**

PROGRAMA

Sábado, 10 — às 22 horas é dado o início das Festas com um
deslumbrante Baile em que a Troupe União 1.º de Dezem-
bro Caparidense dará o grande luzimento à noite.

Domingo, 14 — às 13 horas o Pic-Nic.

às 22 horas — Invulgar Baile, no qual o incontestavelmente
aplaudido Grupo Musical de Beneficência de Manique de
Baixo dará o brilhantismo peculiar, encerrando assim estas já
tradicionais festas.

Que ninguém falte a estas festas ao ar livre

ESMERADO SERVIÇO DE BUFETE

Fig. A. Réplica de Cascais, Lda.—R. Alexandre Heróclito, 21 — Telef. 118 — 200 ex. — 4.931

DC17-DC18 — Panfletos com Festas na Coletividade (1951)

50 ANOS DE SOLIDARIEDADE

que, na sua ação beneficente, vestia, com indumentária completa, várias crianças provenientes de famílias mais desprotegidas do lugar, levando-as a participar depois no dito “pic-nic”.

O bailarico foi, ao longo dos primeiros tempos de vida da Coletividade, o principal, senão único, meio socializante ao dispor da comunidade. Era no bailarico que os jovens se conheciam, se enamoravam e depois casavam, constituindo novas famílias. Aproveitando-se as sombras da precária iluminação dos “petromax” e à socapa da vigilância materna era, também no bailarico, que surgia a oportunidade do “roubo” de um beijinho maroto, numa voltinha com aconchego mais apertado.



FT05 – Uma festa do Pic-Nic (1953)

50 ANOS DE SOLIDARIEDADE

Fazendo-se os bailes aos Domingos, de quinze em quinze dias, as jovens que serviam em casas de famílias abastadas que viviam na Linha (Parede, Estoril ou Cascais), faziam coincidir, naqueles Domingos, o seu dia de folga, também ela quinzenal. Assim podiam acompanhar a família, ao baile da sua Sociedade, no final do dia da sua visita a casa.

Dançava-se ao som da orquestra própria, ou, de vez em quando, da de grupos musicais convidados, de coletividades congéneres. A permuta dos seus grupos musicais, era prática corrente entre coletividades vizinhas. Nessas deslocações, também era hábito os músicos serem acompanhados das suas “clagues” dançantes, principalmente quando se tratava de coletividades próximas, que não implicavam deslocações longas. Era normal, nas saídas do Grupo Musical do 1º de Maio às coletividades de Caparide, Manique, Abóboda, Trajouce, S. Domingos de Rana ou Rebelva, este se fazer acompanhar das suas gentes. O mesmo acontecia com o povo desses lugares quando, em situação inversa, acompanhava o grupo musical da sua coletividade, quando era este a “abrilhantar” o baile em Tires.

Todas as atividades desenvolvidas pelo Grupo, e o baile em particular, passam a realizar-se em melhores condições quando, em 1943, se dá a transferência para a nova sede. Em 1948, com a pavimentação do “recinto” em terreno anexo à sede, é a possibilidade dessa melhoria se estender às atividades ao ar livre, como as Festas de Stº António e outros bailes de Verão.

Quando, em 1951 se concluem os acabamentos e se inauguram, definitivamente, as instalações, a evolução é ainda mais significativa. Muito melhor ainda quando, em 1954, a iluminação elétrica e a água canalizada chegam para equipar a nova casa da Coletividade.

50 ANOS DE SOLIDARIEDADE



FT06 – Baile na Nova Sede

Mas melhores condições implicam maiores encargos e maiores encargos exigem melhores receitas. Atendendo a esta realidade, e sendo o baile a principal fonte de receita da Coletividade, promovem-se bailes especiais com a realização de concursos premiados, tentando melhorar as frequências nos mesmos. O “*baile das colchas*”- era premiada a colcha mais votada, das colchas expostas –, o “*baile das cores*” – eram premiados os pares que se apresentassem, ele com gravata ela com vestido, com melhor equivalência nas cores -, ou o “*baile das rosas*”- era premiada a rosa trazida por uma dama que mais se parecesse com a rosa em poder do júri –, são exemplos disso.

50 ANOS DE SOLIDARIEDADE



FT07 e FT08 – Bailes em Festas de Stº António

50 ANOS DE SOLIDARIEDADE

Era também habitual, entre coletividades vizinhas, fazerem-se séries de bailes na sede de uma delas, convidando as suas congéneres a, com a atuação do seu grupo musical, *abrilhantar* cada qual o seu baile, disputando-se no fim uma “taça de votos” que premiava aquela que, no fim da série, maior número de votos reunisse (o número de votos equivalia ao número de presenças de acompanhantes de cada coletividade). No G.M.D.1º de Maio, nos dias 8, 9, 22, 23, 29 e 30 de Agosto de 1953, um evento deste tipo, que se intitulou de “*Festa da Amizade*”, aconteceu em Tires, ao ar livre, onde, para além da “taça de votos” foi sorteado “*um bom serviço de louça de alumínio*” a premiar um dos votantes.

Ocasionalmente também se realizaram na Coletividade as festas inerentes às cerimónias de inauguração de benfeitorias a que a localidade teve direito. Assinala-se:

- em 1942, a festa de inauguração do chafariz no lageal; (*)
- em 1953, nova festa com a inauguração de mais dois chafarizes, o do Alto de Tires e o das 4 Estradas;
- em 1954, foi a inauguração da luz elétrica que motivou novos festejos.(**)

(*) - Foi na cerimónia desta inauguração que ficou célebre o discurso do consócio **Domingos dos Mártires**, destacado dirigente da coletividade nessa altura, dizendo: -“*bebo este copo de água com a mesma satisfação como se estivesse a beber o sangue do povo de Tires*”

(**) - Nesta cerimónia ocorreu também um episódio caricato: - para anunciar a chegada do Presidente da Câmara Municipal de Cascais, que vinha presidir ao ato, a direção da coletividade deitou alguns foguetes ao ar. À chegada da comitiva presidencial, um dos elementos que a compunha questionou sobre a existência da licença camarária necessária para o lançamento do fogo. Como a coletividade não a tinha requerido acabou por ser autuada!

A realização de bailes, sendo o divertimento por excelência da população destas aldeias, acabava por ser também a principal fonte de financiamento das suas associações. O ingresso na sala de dança era pago (com preço diferenciado para sócios e não sócios, homens e mulheres) e, ao valor cobrado nas entradas somava-se a respetiva receita de bufete. Com estes proventos, acrescidos ao valor da quotização, equilibravam-se os encargos da coletividade, encargos esses que, para além dos gastos com a conservação e limpeza das instalações, predominavam os custos despendidos com o Grupo Musical.

IV . 2 - A MÚSICA

Para que pudesse acontecer baile tinha de acontecer música, música ao vivo, tocada na hora, pois outro processo não era ainda conhecido. Se a realização de festas e bailes era o principal objetivo para a constituição da Associação a existência de um grupo musical era condição fundamental e indispensável para o objetivo ser conseguido. Existindo entre os fundadores alguns sócios “*tocantes*” a Coletividade forma-se em torno desse grupo de músicos (mais tarde também considerados como “*executantes*”), assumindo-se mesmo por “*Grupo Recreativo de Bandolinistas ...*”, talvez por ser o “*Bandolim*” o instrumento predominante no grupo.

É este Grupo de Bandolinistas que garante o “*abrilhantar*” dos bailes na sua Coletividade. É este grupo musical que passa a atuar também em aldeias

vizinhas, numa salutar permuta com os grupos musicais das coletividades locais, troca que se torna habitual. Um testemunho disso é o ofício de 28 de Dezembro de 1919 do “*Grupo Recreativo Bandolinista 1º de Maio da Solidariedade da Construção Civil de Tires*”, dirigido à “*Troupe União Caparidense*” que dizia: - “ ... convidando-os a abrilhantar a festa de inauguração da nossa sede pondo-nos desde já ao vosso dispor para com o nosso fraco préstimo retribuirmos o vosso benemérito gesto.”

Os instrumentos musicais são, numa primeira fase, propriedade dos “*executantes*”. A aquisição inicial é normalmente assumida pela Associação, a quem aqueles, em suaves prestações de valor acessível às suas posses, devolverão o seu custo. Em caso de abandono ou suspensão os músicos estavam obrigados à devolução do instrumento que lhes havia sido distribuído, se este não estivesse integralmente pago. Numa segunda fase da vida da coletividade (já nas décadas de 50 e 60)) os instrumentos eram já de propriedade exclusiva do Grupo.

São os problemas de gestão do Grupo Musical que mobilizam grande parte dos assuntos discutidos em Assembleia Geral. Falta de assiduidade dos executantes, substituição do mestre ou aumento do seu vencimento, e incumprimento nos pagamentos dos instrumentos, são temas frequentes.

O Grupo Musical era composto por “*executantes*” amadores que, como vimos antes, eram sócios da associação e, por isso, a prática da sua arte era feita graciosamente. Os gastos com a “*música*” provinham, para além do custo dos instrumentos, com o pagamento do vencimento do “*mestre*”, avençado que não só ensaiava e regia o grupo como também ensinava música aos “*aprendizes*”, candidatos à integração na orquestra.



FT09 – Elementos do Grupo Musical em 1930: Vladimiro Tomé e Domingos dos Mártires (em cima); Manuel Moreira, Francisco E. Xavier, Filipe Tomé e Heliodoro Sabido (em baixo)

Mesmo sem remuneração os músicos não deixavam de assumir responsabilidades pela assiduidade aos ensaios e apresentações do Grupo. Logo que, como “*aprendizes*”, lhes era atribuído o instrumento ficavam sujeitos ao regulamentado pelo Grupo. Em faltas consecutivas não justificadas tanto o “*executante*” como o “*aprendiz*” poderiam ser castigados pela Direção da Coletividade. Os castigos aplicados consistiam, por norma, na inibição de frequência das instalações da coletividade por tempo determinado ou, até mesmo, pela sua expulsão. São exemplos os casos do “*tocante*” **Filipe Tomé**, que foi expulso por “*faltar aos seus compromissos*”(AG de 27/01/1925) e dos “*aprendizes*” **Hermindino Pereira dos Santos** e **José Teodoro** a quem foi impedida a entrada na sede da coletividade por 6 meses

50 ANOS DE SOLIDARIEDADE

contados a partir de 14 de Julho de 1953, pela sua não justificação de faltas aos ensaios.

Casos de incumprimento de músicos e aprendizes constam, com frequência, das matérias discutidas em Assembleias Gerais ao longo dos tempos, como já referimos. Porém, a partir dos anos 50, verifica-se um progressivo agravamento nas relações entre músicos e direções e de músicos entre si. Em 1953 uma discussão entre o músico **José Damião** e o presidente da Direção **Carlos Moreira da Costa**, acaba com o primeiro a ser expulso do gabinete da Direção. Na sequência do caso o Presidente apresenta a sua demissão do cargo, demissão essa que acaba por não vir a acontecer. Após esclarecimentos havidos na AG de 22/08/1953, onde o assunto foi tratado, o Presidente reassumiu as suas funções.



FT10 –O Grupo Musical em 1940 : Francisco Morgado, N/Ident., Raúl Gaspar, Raúl F. Costa, Alberto Nunes, Manuel Moreira e Humberto Roquete (em cima); Domingos dos Mártires (diretor), José V. Martinho (diretor), Filipe Tomé, Carlos L. Sabido (diretor); (o filho do mestre), Alfredo Flôr e Alberto Sabido (a meio); Heliodoro Sabido, Francisco E. Xavier, Mestre Costa, Estevão, Domingos Paulino, Marcos da Silva, Francisco V. Costa Jr. e Martinho Barrelas (em baixo).



FT11 – O Grupo Musical em 1949: João Florêncio, Delfim Sabido (dir.), Joaquim Realista (dir.), Joaquim Maquinista (dir.), Libertário Cândido (dir.), Germano G. Duarte (dir.), N/Ident. (de pé); Estevão, Aníbal Silva, Julio Gaspar, Sisenando Sabido, Alberto Ferreira (dir.), João Rainha, António (Preto), Sabino Costa e o Mestre (sentados)

Nesta mesma AG são ainda anunciados os abandonos do Grupo Musical por parte de **Jorge Paulino** (que afinal só se concretizaria em 1960) e do seu irmão **Álvaro**, por alegadas desinteligências com outros músicos, particularmente com **Germano Duarte**. Também este acabará por desistir da prática musical no final do mesmo ano. Segundo opinião manifestada pelo camarada **Humberto Augusto**, ainda na mesma AG, “a causa (dos problemas da música) é do mestre não ter contacto com a Direção e haver muita vaidade (rivalidade?) entre músicos e diretores”. O músico **Aníbal Silva**, que se apresentou neste diferendo com posição mais equilibrada, acabou por ser nomeado “*contramestre*” do “*Grupo Musical*”.

50 ANOS DE SOLIDARIEDADE

Na AG de 28/01/1956 discute-se a situação gerada pela demissão conjunta dum grupo de músicos, decisão tomada depois de uma reunião havida no seio da própria orquestra. As razões dessa posição não foram apresentadas à restante coletividade e, porque não estavam presentes os demissionários para apresentarem a sua defesa, não foram aplicados os castigos devidos. Foi ainda proposto o despedimento do **mestre Villas** por este ter estado presente na dita reunião e ter incentivado à demissão dos músicos. O castigo a aplicar aos demissionários, entre os quais se incluem **Sabino Costa, Carlos Sabido e António Silva**, só é decidido, um ano depois, na AG de 23/02/1957. Por proposta de **Filipe Borges**, votada favoravelmente, é aplicado o castigo de 6 meses de proibição de entrada na sede aos demissionários. O mesmo associado aponta também, como principais culpados da situação, o **mestre Villas e João Rainha**.



FT12 – Grupo Musical em finais da década de 50: Álvaro Moreira, Domingos Figueiredo, Filipe Figueiredo, Aníbal Silva, José Damião e Jorge Paulino (sentados); reconhecendo-se ainda (de pé), Quintino Augusto, António Cunha, Estevão, Duarte Sabido (dir.) Emiliano Delgado (dir.) e o Mestre

50 ANOS DE SOLIDARIEDADE

“*Crise no Grupo Musical*” acusa o associado **Duarte Sabido** na AG de 10/01/1959, por, pela primeira vez, ter havido *necessidade de recorrer a um músico de fora*, numa determinada atuação. Mas a crise agudizar-se-á mais ainda ao longo da década de 60. Já não há formação e o núcleo residual do grupo, que agora se autodenomina “*Os Tirones*”, vai perdendo expressão. São cada vez menores as oportunidades de atuação, face à concorrência dos “conjuntos” de instrumentos eletrónicos tão em moda e do agrado da juventude da época.

No ano de 1969 no final do seu exercício a Direção, no seu relatório de atividade, propõe um voto de agradecimento aos “*músicos da orquestra e ao seu maestro*”. No entanto este será o último ano em que se regista uma atividade regular do Grupo Musical que, tempos depois, acaba mesmo por extinguir-se.



FT13 – O Grupo Musical (“Os Tirones”) na década de 60: Álvaro Paulino, Domingos Moleiro, João Moleiro, Tertuliano das Neves, Filipe Figueiredo, Domingos Figueiredo, N/Ident. (acomp.), Rosário Roquete (acomp.) António Caeiro e Carlos Ribeiro

IV . 3 – O TEATRO

A Arte Dramática terá sido introduzida nos objetivos Coletividade logo nos primeiros anos de existência. Acreditamos que terá coincido com a alteração da denominação, quando esta passou de “*Grupo Recreativo Bandolinista...*” para “*Grupo Musical e Dramático...*” em data que ainda não foi possível determinar com exatidão.

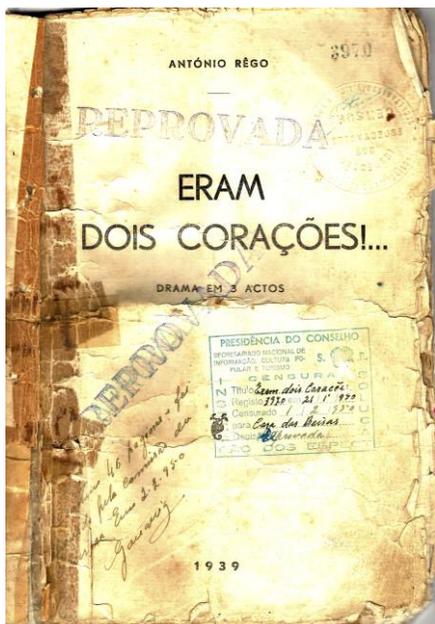
Na Assembleia Geral de 15-11-1922 é proposta, pelo consócio **Artur Moreira Sabido**, a constituição do “*Grupo Dramático*” que seria formada pelos *camaradas* que dele quisessem fazer parte, reservando-se 10% da cotização da Coletividade para as despesas com o dito. A proposta é aceite ficando, o proponente, conjuntamente com **Manuel Fernandes e Domingos Francisco Ricardo**, nomeados para “*dar andamento ao mesmo*”. Inscrevem-se para fazer parte deste Grupo Dramático os *camaradas*: **Manuel Anastácio Rato, Manuel Fernandes, Artur Moreira Sabido, Fernando Moreira Sabido, Francisco Cândido, Lourenço Luis Sabido, Heliodoro Moreira Sabido, Domingos Francisco Ricardo, Francisco Emiliano Xavier e Emiliano Duarte Tomé.**

O lado cultural da Associação encontra, nesta atividade, o seu segundo pilar de sustentação. Tal como a Música, a Arte Dramática passa a constar também no nome do Grupo (*Grupo “Musical” e “Dramático”...*), bem como ambas se incluem no objeto social da Associação: (Artº 3º dos Estatutos de 1935) – “*Os fins do Grupo consistem em socorro dos seus associados por*

meio de benefícios, ensinar *música*, desenvolver a *arte dramática* e dar instrução aos filhos dos seus sócios”.

Durante o período vivido na sede primitiva pouco mais se conhece da atividade do “*Grupo Dramático*”. Já na sede nova, com a chegada a Tires e à Coletividade de um novo elemento, o “*Teatro*” sofre um novo e melhor impulso. **Alberto Ferreira** traz uma vivência associativa anterior que lhe permite uma integração rápida nesta Coletividade, fazendo-o ascender, naturalmente, a posições liderantes nas manifestações coletivas desta. A expressão da “*Arte Dramática*” é disso um caso marcante, assumindo frequentemente o papel de promotor e ensaiador.

José Luis Sabido testemunha que aos nove anos de idade, em 1947 portanto, participou no elenco que levou à cena o drama em 3 atos “*Eram Dois*



DC18 – Capa do livro com a peça “Eram Dois Corações”

Corações”, de António Rego. O sucesso foi grande e a reposição da peça foi feita em outras ocasiões, não só na nossa coletividade como na sua congénere de Mato-Cheirinhos, pela mão do citado, na companhia de **Raúl Moreira Sabido**, ambos sócios das duas coletividades e amantes do teatro amador. Acresce referir que a mesma peça foi “*reprovada*” pela “*censura*” pelo regime do Estado Novo em 1950, como atesta a capa do respetivo livro, que ainda existe e que aqui reproduzimos (DC18).

50 ANOS DE SOLIDARIEDADE

Ao nosso conhecimento chegam, através dos panfletos dos eventos, algumas outras produções daquele tempo. São exemplos as representações do Grupo Dramático, em Abril de 1951 na congénere de Alvide (DC19), depois, em Janeiro de 1952 (DC20) e em Setembro do mesmo ano (DC21), em sede própria.

DC19 – O Grupo Dramático na Sociedade M. S. Alvidense

Sociedade Musical Sportiva Alvidense

Sábado, 14 de Abril de 1951
Às 22 horas

Grandioso Espectáculo de Variedades

em que tomam parte os artistas amadores do
GRUPO DRAMÁTICO DE TIRES
que apresentam

O emocionante drama em 3 actos

"Um Homem de Honra"

desempenhado pelos seguintes artistas

General Mendonça . . .	Françuelim Sabido
Amélia, sua filha . . .	Françuelina Delgado
Augusto, seu filho . . .	Germano Duarte
D. Maria, viúva . . .	Julia Mafra
Alfredo, seu filho . . .	Raul Sabido
Eduardo, amigo . . .	Evaristo Sabido
Guilherme Silva . . .	António Silva
Sr. Salema . . .	Joaquim Maquinista
Um Criado . . .	Augusto Roquete
* . . .	Armando dos Santos

Para completar esta festa apresentam um interessante
ACTO DE VARIEDADES
com amadores infantis

VISTOSO GUARDA-ROUPA

Que ninguém falte a este espectáculo

500 es. - 4.001 - Tip. Cardin, Lda. - Cascais

GRUPO MUSICAL E DRAMÁTICO DE MAIO DA S. OPERÁRIA DE TIRES

Domingo, 13 de Janeiro de 1952
às 21 horas

Grandioso Espectáculo de Variedades por Amadores do nosso Grupo

ARREPENDIMENTO
UMA EM 1 ACTO
Desempenhado por: Luiza . . . AURORA BARRELAS
Jorge Silveira . . . EVARISTO SABIDO

ARTUR, O JOGADOR
DRAMA EM 3 ACTOS

Visconde S. Jaime . . .	EVARISTO SABIDO
Artur S. Jaime . . .	RAUL SABIDO
Carlos Mascarenhas . . .	FRANKLIM SABIDO
Dr. Mendes . . .	CARLOS SABIDO
Conselheiro Serra . . .	GERMANO DUARTE
Miguel d'Almeida . . .	ARMANDO DE JESUS
António (Criado) . . .	ALBERTO FERREIRA
Um galgo . . .	JOAQUIM MAQUINISTA

Um namoro engraçado
COMÉDIA EM 1 ACTO

Avó . . .	MARIA IVONE
Rosa, neta . . .	MARIA ELISABETE
Alberto . . .	GERMANO DUARTE
Ambrósio . . .	JOAQUIM MAQUINISTA
Silvestre . . .	LUIZ TOMÉ
Sargento . . .	CARLOS SABIDO
Um guarda . . .	N. N.

Se quere passar uma noite alegre não falte ao nosso espectáculo.
Marque já os seus bilhetes.

Tip. A Rápida de Cascais, Lda. - R. Alexandre Heróclano, 21 - Telef. 318 - 200 es. - 1.952

DC20 – DC21 – O Grupo do Dramático em Sede Própria (1952)

Grupo M. D. 1.º de Maio da S. Operária de TIRES

Uma Comissão de crianças levam a efeito no
Domingo, 21 de Setembro de 1952
às 21 horas

uma festa, cujo produto se destina à compra de um estandarte

Programa

CINCO SENTIDOS
(Comédia em 1 acto)

PERSONAGENS

D. FLOREPS	Almerinda Duarte
D. BERNARDINA	Maria Foltrecinha
D. FRANCISCA	Suzana Ferreira
D. TEÓCICIA	Aurora Carlos
D. ANICA	Maria Elisabeth
JACINTO (criado)	José Teodoro
JOAQUIM (criado)	Constantino Teodoro
DR. LAMOSA	Orlando Duarte
PAULO	Armando dos Santos
Um transeunte	Hilide Gaspar

As Miricas vão para fora

PERSONAGENS

GIGODENCIO	Francisco Faúlio
D. MARIA FERNANDA (sem nome)	Almerinda Duarte
MARIA EDUARDA (sua filha)	Aurora Carlos
MARIA EMILIA (sua filha)	Maria Tullia
MARIA LOUREDES (sua filha)	Maria Madalena
FERNANDO — tio	Angelo Felgado
DIONÍSIO — filho	Vitor Sabido
DOMÍNGOS — filho	Hilide Gaspar
JOSE — criado	José Luiz
BENTO — amigo	José Teodoro

Para finalizar um Grandioso Acto de Variedades
Que ninguém falte a esta festa porque contribui para uma obra da casa, assim como daremos com a nossa presença uma homenagem a estas crianças que tiveram uma lembrança que bastante merecem os nossos aplausos.

NOITE DE ALEGRIA E BOA MÚSICA

Tip. A Rápida de Cascais, Lda. - R. Alexandre Heróclano, 21 - Telef. 318 - 200 es. - 1.952

50 ANOS DE SOLIDARIEDADE

Representaram-se peças como “*Um Homem de Honra*”, “*Arrependimento*”, “*Artur o Jogador*”, “*Um Namorado Engraçado*”, “*Cinco Sentidos*” e “*As Miricas vão para fora*”.

Nestas produções assinalam-se as participações de:

Senhoras: *Franquelina Delgado, Júlia Mafra, Aurora Barrelas, Maria Ivone, Maria Elisabeth, Almerinda Duarte, Maria Patrocínia, Susana Ferreira, Aurora Carlos, Maria Emília, Maria Madalena;*

Homens: *Franklim Sabido, Germano Duarte, Raúl Sabido, Evaristo Sabido, António Silva, Joaquim Maquinista, Augusto Roquete, Armindo dos Santos, Carlos Sabido, Luiz Tomé, José Teodoro, Constantino Teodoro, Orlando Duarte, Ilídio Gaspar, Victor Sabido, José Luiz* e ainda *Alberto Ferreira*, enquanto ensaiador e interprete.



FT13 – Grupo de Teatro e “Marchantes” junto ao palco da “nova sede”, recentemente acabada, em 1951

50 ANOS DE SOLIDARIEDADE

A atividade teatral não teve nunca uma presença assídua e continua à semelhança do que acontecia com a atividade musical. Ambas foram as ocupações principais do Grupo, aquelas a que os associados mais se dedicaram ao longo da sua vida (50 anos), mas, das duas, a Arte Dramática é a mais ocasional e esporádica. Como acabamos de verificar é no princípio da década de 50 que se verifica um verdadeiro “pico” na produção cénica da Coletividade – só em 1952 houve dois espetáculos, com a representação de 5 peças teatrais e com o envolvimento de cerca de 30 pessoas!.



FT14 – Outros “Marchantes” em finais da década de 50

50 ANOS DE SOLIDARIEDADE

Se considerarmos que, ligado à atividade cénica, esteve também a participação em “*Marchas Populares*” que se realizavam naquela época, se atendermos às festas/bailes que aconteceram no mesmo espaço de tempo (que demos conta no ponto anterior), se acrescentarmos mais os eventos, acontecidos pela mesma altura (que falaremos no ponto seguinte), se conciliarmos tudo com o facto de ter sido, em 1951, o ano de conclusão das obras de construção da “*nova sede*”, concluiremos também que esta época terá correspondido ao apogeu do associativismo do *Grupo Musical e Dramático 1º de Maio da S. O. de Tires*.



FT15 – Marcha do GMD1º de Maio desfilando junto aos Paços do Concelho em Cascais - 1964

50 ANOS DE SOLIDARIEDADE

Aponta-se ainda, como curiosidade, até porque o autor destas linhas dele fazia parte, o Grupo Cénico que se constituiu precisamente no ano do cinquentenário. Mais uma vez ainda sob a tutela de **Alberto Ferreira**, o grupo era composto por: **Júlia Silva, Irene Gaspar, Angélica (Geo) e Lurdes (Licas) Palmeira, Irene Gaspar, Maria Cecília (Cila), Graça Paraíso, Aida Gonçalves, Alexandre Nicolau, Pedro Miranda, António Florêncio, José Luis Rosa, Manuel Aleixo, Ricardo Paraíso e Carlos Costa**. Foram encenadas e representadas em duas sessões, uma em Tires e outra em Morelena, as peças “*O Cúmplice*” e “*Há horas diabólicas*”, com êxito reduzido, diga-se.

IV . 4 – ESPETÁCULOS CONTRATADOS

Já nas décadas de 50 e 60, agora por iniciativa das direções desses tempos, apresentam-se espetáculos de teatro e variedades, promovidos por companhias contratadas que integram artistas não amadores. É a tentativa de oferecer, à população local, soluções de entretenimento alternativas àquelas que surgiam, cada vez mais atrativas e cada vez mais “à mão”. Um melhor poder de compra conjugado com melhores meios de transporte permitiam o acesso, dessa mesma população, a um “teatro” em Lisboa ou um “filme” em Cascais ou na Parede, desviando da Coletividade muitos dos seus frequentadores.

50 ANOS DE SOLIDARIEDADE



O espetáculo de fados e variedades intitulado “*Uma Paixão que Revive*”, apresentado em 12 de Maio de 1951 e repetido em 28 de Outubro do mesmo ano, teve um êxito retumbante que obrigou a repetição, pode ser apontado como exemplo conseguido do que atrás citámos.

DC22 – Espetáculo de Fado e Variedades “*Uma Paixão que revive*”

Já na década de 60, com o aparecimento dos conjuntos musicais de música eletrónica, bastantes são os espetáculos dançantes que se promovem no Grupo em substituição dos bailes “abrilhantados” pelo grupo musical da casa (“Os Tirones”) ou pelos grupos de outras coletividades congéneres, que assim vão passando à história.



DC23 – Cartaz de apresentação do Conjunto de “Zurita de Oliveira” (1965)

50 ANOS DE SOLIDARIEDADE

Na mesma lógica de conquista de frequentadores à sociedade recreativa é também tentado o espetáculo cinematográfico. Na AG de 19/06/1965 a Direção vigente propõe a aprovação de um contrato com um *empresário de cinema* para projeção regular de filmes na sala da Coletividade. Da receita de bilheteira, a dividir pelo empresário e pela Associação, esta ficaria com uma percentagem fixa, forma de receita sem qualquer risco de prejuízo. A proposta é aprovada, as projeções iniciam-se, mas, logo na AG de 08/01/1966, **Jorge Paulino** refere-se ao “*fracasso do cinema*” acusando o empresário de “*mau gosto nos filmes apresentados*” e “*mau funcionamento da máquina*”. Dois meses depois, em AG de 5/03/1966, é **Serafim Tomé dos Santos**, presidente da Direção desse ano, que informa os sócios “*da desistência do empresário do cinema e das causas da mesma*”, apresentando, de seguida, outras propostas para dar continuidade ao “*cinema*” na Coletividade. Aprova-se a compra de uma máquina de projetar usada, mas com garantia de um ano, pela quantia de 35.000\$00 a pagar em prestações de 800\$00 por mês. A exploração passaria a ser feita de forma direta, a cargo duma “*comissão de cinema*” nomeada na altura e composta por **Carlos Moreira da Costa, Jorge Paulino, João Florêncio e Tertuliano das Neves**. O empresário e vendedor da máquina garantiria também, sem mais encargos, a formação de um projecionista da casa que, para isso, o acompanharia numas quantas sessões iniciais. Esse projecionista viria a ser o jovem, então com 15 anos, filho de **Carlos Moreira da Costa**, o autor destas linhas.

IV . 5 – ATIVIDADES DESPORTIVAS

O *Grupo Musical e Dramático 1º de Maio da SO de Tires* sempre se assumiu como uma Coletividade de Cultura e Recreio, pelo que as atividades desportivas de competição foram sempre mantidas fora dos seus objetivos. Disso se dá conta na AG de 09/07/1955, quando da discussão de uma proposta de constituição de uma comissão para promover a “*prática da patinagem*”, foi proposto e aceite pela Assembleia o “*alvitre*” do consócio **Manuel Doroana** que dizia concordar desde que “*não seja para meios desportivos e que não se forme qualquer grupo desportivo na modalidade*”.

A “*prática da patinagem*” - muito influenciada pelos êxitos da Seleção Nacional de Hóquei Patins, que havia sido campeã do mundo 5 vezes nas 6 primeiras edições da prova (1947 a 1952) – inicia-se assim sob a coordenação da “*comissão de patinagem*”, eleita naquela Assembleia, que se constituía pelos consócios **Teodósio Francisco de Oliveira, Carlos Xavier, Serafim Tomé dos Santos, Libertário Francisco Cândido e Carlos Moreira da Costa**. A comissão, que teve a iniciativa, assumiria também a “*responsabilidade de angariar fundos para compensar as despesas*”, condição onde parece ter fracassado, uma vez que, na AG de 19/01/57, é lido o balancete da “*gerência do ringue de patinagem*” que “*acusou um débito de mil quatrocentos e sessenta e um escudos*”.

Da prática da “*patinagem*” ainda resultou uma “*equipe de hóquei em patins*” que competiu apenas por brincadeira, e da qual nos chega um registo fotográfico que juntamos (**FT16**).



FT16 – A “grande” equipe de Hóquei em Patins alinhada no seu “ringue” (o recinto da Coletividade)

Foto semelhante, sensivelmente da mesma época, também foi deixada por uma “*equipe de ciclismo*”. Diferentemente da “*patinagem*”, o “*ciclismo*” nunca foi uma modalidade inserida na Coletividade, embora tivesse sido constituída “debaixo do seu teto”. Competiu em provas a nível de “*populares*” como “*Grupo Ciclista Operário Tirense*” (FT17).

A ligação do “*ciclismo*” ao *GMDI° de Maio* apresenta algum historial sim, mas apenas no que toca a organização de provas dessa modalidade. São exemplos os casos do “*Circuito de Tires*” (percurso Tires-Abóboda-Trajouce-Manique-Tires), realizado a 5 de Agosto de 1951 e de outro realizado a 30 de Julho de 1961 (percurso Tires-Manique-Bicesse-Livramento-Caparide-Tires), repetido no ano seguinte a 22 de Julho.



FT17 – Equipe do “Grupo Ciclista Operário Tireense” alinhada, também ela, no recinto da Coletividade

Fiel ao princípio acima referido, definido na AG de 09/07/1955 – “*não se forme qualquer grupo desportivo*” –, não foi assumida a prática do “*ciclismo*”, como não foi nunca aceite a integração da prática do “*futebol*”. Esta modalidade acabou, assim, por originar a constituição de uma associação própria e autónoma: a “*União Recreativa e Desportiva de Tires*”. Fundada a 8 de Dezembro de 1962 esta outra coletividade, ao constituir-se, arrasta para si muitos associados do “*GMD 1º de Maio*”, diminuindo e desfalcando assim muito do associativismo existente nesta sociedade.

IV.6 – LARANJINHA

O “*Jogo da Laranjinha*” , não sendo uma atividade cultural ou recreativa de importância semelhante às descritas anteriormente, é no entanto uma forma de entretenimento e lazer com forte implantação, que não pode ser ignorada quando se trata da história da Coletividade. A “*Laranjinha*” é um jogo de pontaria, jogado com bolas de madeira numa “caixa” esculpida no chão. Essa “pista” foi construída inicialmente por debaixo do palco da sede, nos anos 50, e transferida para a cave sob os camarins, com as obras de ampliação da sede, nos princípios da década de 60. Este jogo foi praticado - ainda o é, aos dias de hoje! - nestas duas décadas, de uma forma apaixonada, ou até mesmo viciante, entre muitos dos sócios frequentadores diários da Coletividade. Era frequente, nos dias de baile, os homens casados passarem a noite na “*Laranjinha*”, provocando a irritação das respetivas mulheres, que se viam forçadas a dançar umas com as outras. Curiosamente porém, na AG de 25/04/1959, acontece que, pelo *alvitre* de **Emiliano Delgado** que a assembleia aceita, as mulheres ficam impedidas de “*dançarem umas com as outras na valsa dos casados, caso que tem sido origem de muitas reclamações por parte dos cavalheiros*” (!!).

IV.7 – OUTRAS

Algumas outras atividades foram desenvolvidas e tentadas no seio da Coletividade, quer no campo da formação quer no campo do entretenimento e do lazer. São disso testemunho as fotos que se juntam: um curso de costura para senhoras promovido pela “Singer” em (FT18) e um grupo excursionista (FT19).



FT18 – Participantes num Curso de costura promovido pela “Singer”

50 ANOS DE SOLIDARIEDADE



FT19 – A Excursão foi também atividade no GMD1º de Maio

IV - SOLIDARIEDADE

Como já foi referido, o *Grupo Recreativo de Bandolinistas / Grupo Musical e Dramático 1º de Maio da Solidariedade Operária de Tires*, sofreu, desde logo, a influência determinante dos ideais sindicalistas que a existência da *Associação de Classe dos Operários da Construção Civil e Artes Correlativas de Tires e Arredores* lhe proporciona. Porque eram operários sindicalistas os sócios fundadores da Coletividade aquela influência manteve-se ao longo de décadas, tempo em que a forte ligação entre as duas associações foi determinante.

“*Solidariedade*” é nome de batismo que é conferido à Associação recreativa logo à nascença (*GR Bandolinistas da Solidariedade da Construção Civil*), por inegável contribuição sindicalista;

“*Solidariedade*” é o “cimento” que fortalece a ligação entre o *Grupo Bandolinistas / Grupo Musical e Dramático* e a *Caixa de Auxílio na Doença* sucedânea da *Associação de Classe*;

“*Solidariedade*” é o elevado valor social que preenche o carácter dos Homens que constituem estas instituições;

“*Solidariedade*” é, por último, a característica dominante dos 50 anos de vida do *GMDIº de Maio SO de Tires* que este trabalho pretende evidenciar.

As principais realizações onde a “*Solidariedade*” se mostra presente serão:

1 . *Ações Benéficas*

As ações de beneficência faziam parte, desde logo, dos propósitos e intenções da Associação e isso estava até consignado nos próprios Estatutos de 1935: (Artº 3º) - “*Os fins do Grupo consistem em socorro dos seus associados por meio de benefícios ...*”.

Pela leitura das atas de Assembleia Geral, dos primeiros tempos de vida da coletividade, verificam-se manifestações de atos de beneficência em diversas ocasiões. Apontamos algumas:

- AG de 22/02/1922: “... o grupo musical vai atuar em benefício do camarada **José Moreira Sabido**”;

- AG de 06/06/1923: “...lida a carta de **Germano Teodoro**, que se encontra doente, pedindo solidariedade, foi resolvido, domingo 15, realizar um bando peditório em Trajouce, Abóboda e Tires, e à noite realizar um baile cujo produto líquido reverta em auxílio do dito camarada. Foram nomeados **Artur Moreira Sabido, Filipe Borges, Joaquim Emiliano e Avelino Teodoro** para fazer parte do bando peditório”;

- AG de 16/04/1924: “...lido o relatório do benefício realizado em 22 de Março para o camarada **Fernando Moreira Sabido**, o qual acusa um saldo de 360\$65” .

2 . A Caixa de Auxílio na Doença

A preocupação com o auxílio ao próximo em dificuldades, de forma organizada que possa mesmo elevar e dignificar o ato beneficente, acaba por resultar na constituição de uma outra instituição de cariz mutualista: a “**Caixa de Auxilio na Doença dos Operários da Construção Civil de Tires e Arredores**”. O seu nascimento acontece, não em sede do “*Grupo Musical e Dramático*”, mas, pela mesma gente, em sede da “*Associação de Classe dos Operários da Construção Civil e Artes Correlativas de Tires e Arredores*” (que também, como vimos, já havia servido de “incubadora” da própria Coletividade). Numa época em que qualquer tipo de proteção social estatal era ainda uma miragem, estes homens, com as suas limitadas disponibilidades, conseguem arquitetar e montar uma organização de previdência própria que permite proteger todos os operários, de Tires e arredores, que a ela se associem. Notável!

Embora sendo uma entidade externa à Coletividade, mas intimamente ligada a esta desde sempre, trataremos, neste trabalho e no capítulo seguinte (VI – *Relações Institucionais*), da história da formação e funcionamento da “*Caixa de Auxilio na Doença*” e da sua ligação fraterna com o “*GMDI° de Maio*”.

3 . A construção da Nova Sede

Mas nem só de beneficência se compõe “*Solidariedade*”. Este valor social é sobretudo caracterizado pela grande capacidade de mobilização coletiva na concretização de objetivos comuns. Em nosso entender a melhor demonstração desta faceta solidária, desta vontade coletiva, expressa-se na forma decidida e abnegada como os *camaradas* se lançaram na epopeia que se traduziu na construção da “*Nova Sede*” do Grupo. Contando apenas com a força do seu trabalho, como único capital disponível, ousaram avançar, ousaram conseguir. Como **Raul Moreira Sabido** nos contou - já atrás o referimos mas vale a pena repetir -, no início “*não havia caboucos para tantos que quieram colaborar*” e, mais tarde, quando o ciclone derrubou paredes já erguidas “*em Tires não houve ninguém que não chorasse*”, revela-nos, duma forma muito clara, qual o grau de envolvimento, não só dos associados como da população em geral, do quanto era desejada aquela construção

4 . A Comissão de Assinaturas

O elevado espírito de “*Solidariedade*” está também presente na organização da designada “**Comissão de Assinaturas**”. Como naquela época eram muitos os associados do Grupo a trabalhar em Lisboa, sendo o comboio da “*Linha do Estoril*” o único meio de transporte utilizado, a coletividade, através da dita comissão, estabelece acordo com a gerência daquela ferrovia no sentido desta permitir o pagamento semanal das assinaturas (passes) dos seus associados, uma vez que era semanal o seu vencimentos. O “*G.M.D.1º de Maio*”, pela sua “*Comissão de Assinaturas*”, garantia, através de um fundo depositado na companhia, o total e pontual pagamento desses valores. Os

camaradas **Carlos Xavier** e **Serafim Tomé dos Santos** que, enquanto secretários da mesma, assumiram a respetiva direção, um após outro, por períodos alargados de, sensivelmente, uma década cada.

A “*Comissão de Assinaturas*” , que terá sucedido a ação idêntica praticada, entre 1919 e 1934, pela “*Associação de Classe*”, só termina a sua atividade quando, em 1961, a “*Sociedade Estoril*” inclui no seu tarifário o passe semanal.

4 . A Comissão de Beneficência

Ainda sob a influência do caráter solidário da massa associativa do “*GMD 1º de Maio*”, é constituída, nesta coletividade, uma outra comissão: a “*Comissão de Beneficência*”. Tratava-se de um grupo de sócios que se organizava e mobilizava para, através de quotização própria, de donativos, de sorteios, etc., constituírem um fundo destinado à compra de indumentária completa para vestir e calçar crianças, escolhidas entre as famílias mais necessitadas da terra, presenteando-as nas “*Festas do Pic-nic*”.

Esta comissão ter-se-á constituído muito pela influência de **Alberto Ferreira**. É de 30 de Outubro de 1952 a primeira ata de reunião desta “*Comissão*” cuja direção era composta por um Presidente (**Teodósio Francisco de Oliveira**), um 1º Secretário (**Alberto João Azeredo Ferreira**), um 2º Secretário (**Luis Silva**) e um Tesoureiro (**Gervásio Freire Cândido**). A sua atividade manteve-se até ao ano de 1962.

50 ANOS DE SOLIDARIEDADE



FT19 – Comissão de Beneficência de 1953: Emiliano Delgado (dir.), Luis Tomé, Alberto Ferreira, Teodósio Oliveira, Gervásio Cândido, João Antunes (dir.) e Carlos M. Costa (dir.)



FT20 – Comissão de Beneficência de 1954 : Salvador Delgado (dir), Cisenando Sabido, João Rainha, Serafim Tomé, Filipe Borges, Alfredo Flôr



FT21 – Comissão de Beneficência de 1961: Duarte Sabido, Francisco Xavier , Antero Cândido e Eduardo Martinho

5 . Outras manifestações de Solidariedade

A intensão e vontade de ajudar os outros está ainda presente em iniciativas que, visando a alfabetização ou a saúde, denotam a existência de preocupações sociais do Grupo com a valorização dos seus associados. Infelizmente, qualquer das duas primeiras situações que referenciamos em seguida, não conheceu grande sucesso.

- a) Na AG de 19/01/1952 esta é informada de que **Carlos Moreira da Costa** está “*a dar escola na coletividade autorizado pela direção*”. A informação é dada pelo próprio que depois solicita autorização à Assembleia para poder continuar com o seu exercício, permissão que lhe foi concedida,

- b) Nessa mesma AG o mesmo sócio (**Carlos Moreira da Costa**) é nomeado, na companhia de **Alberto Ferreira** para a constituição de uma “*Comissão de Estatutos*” que dará nova redação à lei interna do “*GMDIº de Maio SO*”. Este documento, posteriormente aprovado na AG de 15/03/1952, contempla, no artigo referente aos fins da associação, a vontade de “*criar uma Biblioteca para ilustração dos sócios, quando as suas forças materiais o permitam*”. O assunto “*Biblioteca*” volta de novo à discussão tendo **Raúl Moreia Sabido** referido que esta “*faz muita falta dentro da coletividade*”, sugerindo mesmo a nomeação de uma comissão para a sua formação, facto que não veio a verificar-se.
- c) Através do acordo, estabelecido pelo associado **Manuel Vieira da Rosa** com o Presidente da Câmara Municipal de Cascais, foi possível dispor, na Coletividade, de um apoio médico à população local. Tratava-se das consultas médicas que o **Dr. Quintas** prestava semanalmente (curiosamente às 5^{as}. feiras), num gabinete cedido pelo “*GMDIº de Maio*” na sua sede. Este serviço esteve ativo durante alguns anos, não se sabe exatamente quantos, na década de 50.

6. *Solidariedade curiosa*

Ainda neste capítulo, não podemos deixar de considerar o curioso episódio da compra, em 1959, de um aparelho de televisão. Indícios de alguma “*Solidariedade*” podem ser verificados se entendermos que existe vontade de levar a muitos o entretenimento que a tal “caixinha mágica” proporcionava, um bem a que muito poucos, individualmente, tinham hipótese de aceder .

50 ANOS DE SOLIDARIEDADE

Já antes, em 19/07/1956, tinha havido uma AG convocada apenas para discutir a compra de um aparelho de rádio, aparelho que foi comprado muito no sentido de proporcionar, aos associados frequentadores da Coletividade, a audição dos relatos dos jogos da seleção de hóquei patins que, tão apaixonadamente, eram seguidos naquela época.

Foi então, na AG de 31/07/1959, expressamente convocada para o efeito, que é apresentada, aos 49 associados presentes, uma comissão composta por 12 sócios: - **Gervásio Freire Cândido** (presidente), **Aires Duarte da Silva** (secretário), **António Xavier** (tesoureiro), **Antero Cândido**, **Carlos das Neves**, **Jorge Paulino**, **Francisco Carrega**, **Alexandrino Moreira**, **Herculano da Silva Santos**, **Emiliano Delgado**, **José Damásio Morgado** e **Silvano Ricardo** - que se propunham adquirir o aparelho de TV nas seguintes condições:

- a) a aquisição seria feita a crédito, responsabilizando-se a comissão pelo pagamento das respetivas prestações;
- b) o aparelho seria entregue à direção da coletividade logo que a dívida estivesse integralmente liquidada;
- c) a comissão encarregar-se-ia da abertura da sede diariamente, para a assistência aos programas de TV, e exploraria quer um bufete “*completamente á parte*” quer “*vários jogos diversos*”, tudo sem prejuízo do normal funcionamento da coletividade, revertendo todas as receitas para a amortização do débito;
- d) as entradas para ver TV seriam pagas pela quantia de \$50 (cinquenta centavos, cinco tostões) por pessoa, importância que correspondia à compra de uma rifa para um sorteio premiado;

50 ANOS DE SOLIDARIEDADE

- e) apenas os sócios da comissão escalados para o serviço estariam isentos desse pagamento.

A proposta foi aprovada, o aparelho foi adquirido.

Se consideramos que, com este episódio, o aparecimento da televisão foi fator de atração de sócios à Coletividade, igualmente teremos que considerar que, anos depois e em sentido inverso, a televisão foi então motivo, bastante importante, para afastar os mesmos associados da sua Sociedade. A tal “caixinha mágica”, popularizando e generalizando o entretenimento, levou-o ao conforto da sua própria casa.

50 ANOS DE SOLIDARIEDADE



VI - RELAÇÕES INSTITUCIONAIS

VI.1 - A CAIXA DE AUXILÍO NA DOENÇA

Como já referido a propósito da constituição do “*Grupo Recreativo de Bandolinistas*”, primeira designação do “*Grupo Musical e Dramático 1º de Maio*”, os operários da Construção Civil de Tires e arredores, fundamentalmente “*canteiros*”, trabalhadores de exploração e preparação da pedra – era a pedra o elemento base na construção civil da época –, já se haviam organizado anteriormente em torno da “**Associação de Classe dos Operários da Construção Civil e Artes Correlativas de Tires e Arredores**”, instituição de carácter sindical para defesa dos seus interesses profissionais.

Referimos também que um elevado espírito associativo cimentado num forte sentimento de “**Solidariedade**” molda o carácter dos homens da comunidade tirense. O auxílio ao *camarada* em dificuldade expressa-se, numa primeira instância, em atos de beneficência (festas, peditórios, etc.)

promovidos pelo *Grupo de Bandolinistas/Grupo M. e D. 1º de Maio da S. O. de Tires*. A ajuda a quem dela necessita passa a sediar-se, numa segunda fase e de uma forma mais organizada, agora na *Associação de Classe*, com a constituição da “**Caixa de Auxílio na Doença dos Operários da Construção Civil de Tires e Arredores**”, instituição mutualista antecessora da *Caixa de Previdência*, que, a nível nacional, só muitos anos mais tarde viria a aparecer.

Nascidas no seio da Associação de Classes e tendo como patronos os mesmos trabalhadores da construção civil de Tires e arredores, as duas associações, “*GMD 1º de Maio*” e “*Caixa de Auxílio na Doença*”, vivem como instituições irmãs ligadas por uma “*Solidariedade Operária*” que a primeira usa até na sua denominação.

A *Caixa de Auxílio na Doença* terá sido fundada em 1925, ou melhor, é com data de 16 de Maio de 1925 que se realiza a primeira ata transcrita no respetivo livro de Atas de Assembleia Geral. Constatase porém que esta não é uma Assembleia de fundação mas sim uma reunião mais, na sequência de outras, que se percebe serem da “*Associação de Classe*”. Naquela data (16 de Maio de 1925), ter-se-á apenas dado corpo a uma prática beneficente, já existente, no seio daquela instituição sindicalista.

Como vimos anteriormente, quando tratamos da fundação do *GMD 1º de Maio*, a *Associação de Classe* passou a integrar o *Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil de Lisboa* e, como tal, internamente, a ser considerada como “*Sindicato*”. A coabitação da *Associação de Classe/Sindicato* com a *Caixa de Auxílio na Doença* mostra-se evidente pela leitura do livro de presenças nas Assembleias da *Associação de Classe*. Nele constam registos de presenças nas primeiras Assembleias Gerais da *Caixa* intercaladas com as presenças nas AG da *Associação/Sindicato*. Numa ata da *Caixa* pode

ler-se ainda: - “*em seguida passa a ordem de trabalhos do sindicato que era para nomear os corpos gerentes para 1927*”.

Naquela primeira Assembleia da *Caixa de Auxílio na Doença*, presidida por **Joaquim Emiliano** e secretariada por **José da Silva** e **Abel dos Santos**, foram discutidos assuntos como:

1. Colaboração com a professora da localidade para a realização da “*semana da criança*” decidindo-se pela “*doação de 20\$00 do cofre do Sindicato*” e pela “*nomeação de uma comissão composta por Artur Moreira Sabido, Pedro Doroana, Avelino Teodoro, Filipe Borges e Carlos Luis Sabido para “dar andamento à festa da criança*”;

2. Lido, discutido e aprovado o “*Regulamento da Caixa de Auxílio na Doença*”;

3. Discutida e aprovada a proposta de **Avelino Teodoro** sobre os subsídios a conceder aos operários doentes:

- “*nos primeiros 6 meses da doença o operário doente paga 1 000 reis (1\$00) por semana recebendo 10 000 reis (10\$00) por dia*”;

- “*de 6 meses a um ano o doente paga 500 reis por semana recebendo 5 000 reis por dias*”;

- “*mais de um ano de doença e o operário é considerado inabilitado e passa a pagar 200 reis por semana e a receber 2 000 reis por dia*”;

4. Aprovada uma proposta de **Artur Moreira Sabido** que permite a permanência como sócio da *Caixa de Auxílio* ao operário que saia da localidade e mude para outro sindicato;

5. Finalmente, e por proposta de **Avelino Teodoro**, a sugestão de que *“nenhum camarada doente tem direito a receber o seu salário desde o momento em que não esteja em dia com os Estatutos do Sindicato”*.

Mesmo desconhecendo-se o Regulamento, que foi aprovado nesta primeira Assembleia Geral, e os Estatutos que foram lidos na AG seguinte, realizada aos 4 de Julho de 1925, é possível perceber, pelo conteúdo desta primeira AG, qual a forma como se organizava a *“Caixa”* na prestação de auxílio aos operários doentes.

Os trabalhadores inscritos na Caixa quotizavam-se semanalmente e, com o fundo constituído, faziam face ao pagamento de um salário de substituição aos colegas impedidos a trabalhar por motivo de doença. Subsidiavam igualmente aqueles que, após um ano de baixa, eram considerados inabilitados.

Ao trabalhador era no entanto exigido o cumprimento dos seus deveres *“sindicais”* como condição para usufruir do referido apoio.

A situação económica da *“Caixa”* foi-se mantendo equilibrada, pese embora, em alguns exercícios anuais, constarem balanços negativos. Na 2ª AG, de 4 de Julho de 1925, é proposto e aceite *“que se ponha o dinheiro a render”* elegendo-se o *Montepio Geral* como a instituição para o fazer. Noutra AG, a 11 de Outubro de 1926, na reunião que define que *“os sócios que vão para a tropa não têm direito a pagar assim como não têm direito a receber”*, o tesoureiro alerta para a situação financeira da Caixa - *“nos últimos meses não tem chegado a receita para a despesa, o que é natural que seja preciso irmos ao Montepio levantar dinheiro”*.

50 ANOS DE SOLIDARIEDADE

Muitas são as transcrições de AG's, onde se debatem situações de abuso ou comportamento incorreto por parte dos associados doentes. Alguns porque voltam ao trabalho sem dar conhecimento à *Caixa* que continua a pagar-lhes o subsídio, outro porque vai para a feira ainda “*com parte de doente*”, outros ainda porque reclamam o subsídio depois de, apressadamente, se terem posto em dia com a regularização das suas obrigações para com o Sindicato. Das discussões resultam normalmente propostas de alteração ao Regulamento e aos Estatutos que, aprovadas, vão ajustando o Regulamento e os Estatutos da instituição.

“*Sindicato/Associação de Classes e Caixa de Auxílio*” utilizam como sua sede primitiva uma casa alugada no Alto de Tires, no sítio que mais tarde ficou conhecido por “*Pátio do Olímpio*” e onde, mais recentemente, a *União Recreativa e Desportiva de Tires* teve a sua sede.

Na Assembleia Geral de 30 de Novembro de 1940, presidida por **Avelino Teodoro** e secretariada por **Lourenço Luis Sabido** e **José da Silva**, o presidente consulta a assembleia, e esta concorda, se “*se poderá fazer uma oferta à Sociedade – o Grupo Musical e Dramático 1º de Maio da Solidariedade Operária de Tires – de 1.500\$00, quantia esta que se encontra já à bastante tempo depositada no Montepio Geral*”. Mais ainda se propõe e se aceita: - “*para esta assembleia dar plenos poderes às direções para emprestar algum dinheiro para a construção da Sociedade, dinheiro esse que não faça falta para o funcionamento da Caixa*”. Este gesto de solidariedade para com a sua “irmã de sangue” é demonstrativa da forte ligação existente entre as duas instituições e permitirá à *Caixa*, num futuro próximo, vir a sediar-se na futura sede da Sociedade, onde, num gabinete próprio e independente, passará a exercer a sua atividade.

É este o teor do esclarecimento que **Avelino Teodoro** presta a **Salvador dos Santos Delgado**, na AG do “*GMD 1º de Maio*” de 19/01/1952, na sequência do pedido deste a um *camarada* mais antigo, explicando o porquê da ocupação de um gabinete na sede da Coletividade pela *Caixa de Auxílio*.

Alguns anos tinham passado, em cada uma das instituições as pessoas foram mudando e as ligações entre ambas foram-se perdendo. Era agora estranho, para os associados do “*GMD 1º de Maio*”, ver um gabinete da sua sede reservada para uma “*Caixa de Auxílio*” que já lhes era estranha e que pouca atividade apresentava.

Na AG 11/01/1953 por proposta de **Carlos Xavier** foi decidido pagar a dívida do empréstimo à *Caixa*, depois de **Antero Cândido** ter alvitado que não deviam ser pagos juros do mesmo em virtude da Coletividade não ter também cobrado renda pela utilização do gabinete. Em Março do mesmo ano, em ofício da Direção do GMD 1º de Maio endereçado ao Presidente da Assembleia Geral da Caixa de Auxílio na Doença “*pede à Assembleia a melhor resolução sobre o gabinete ocupado pela Caixa, tendo em consideração que a maioria dos sócios da sociedade não são sócios da Caixa...razão a terem um gabinete ocupado sem nenhum benefício e ainda sem quási ser utilizado.*”

Consumara-se, não só o fim de uma ocupação de uma sala, como também o fim de uma ligação fraterna entre as duas agremiações. Mais ainda, chega ao fim uma obra de verdadeira “*Solidariedade Operária*”, como o foi a “**Caixa de Auxílio na Doença dos Operários da Construção Civil de Tires e Arredores**”.

VI. 2 – AS ASSOCIAÇÕES CONGÉNERES

O *Grupo Musical e Dramático 1º de Maio S. O. de Tires* (inicialmente denominado *Grupo Recreativo de Bandolinistas*) manteve, ao longo destes seus 50 anos de vida uma relação cordial, de amizade e também ela solidária, para com as suas congéneres em geral, mas particularmente mais intensa para com as da sua vizinhança próxima.

As relações entre estas instituições manifestavam-se, principalmente, com a troca ou permuta entre os seus grupos musicais, que quase todas possuíam. Como anteriormente já referimos, uma coletividade solicitava a outra a vinda do seu conjunto musical para *abrilhantar um baile* no seu reduto, para, em tempo seguinte, retribuir com a atuação do seu grupo em casa da congénere, quando esta o solicitasse. De igual forma mas com menos frequência, até porque nem todas se dedicavam a esse tipo de atividades, aconteciam apresentações, cruzadas, de teatros, danças, cegadas, etc. Outra manifestação de respeito e solidariedade pela associação amiga era a presença de um seu representante, empunhando o seu estandarte, na sessão solene comemorativa do aniversário daquela.

Na vida do GMD1º de Maio SO de Tires reconhece-se a preferencial relação com a “*Trupe União 1º de Dezembro Caparidense*”, associação pela qual existe uma especial empatia mútua. São exemplos que comprovam isso:

- o convite ao grupo musical da “*Trupe*” para animar a festa de inauguração da sede do “*Grupo Bandolinistas*” em 1919;

50 ANOS DE SOLIDARIEDADE

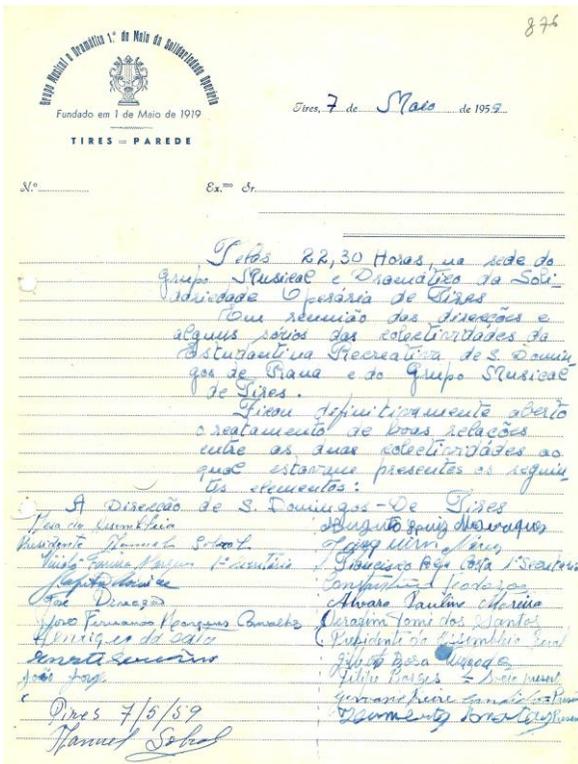
- a presença sistemática do conjunto de Caparide nos bailes de Stº António em Tires e do grupo de Tires nos bailes de S. Pedro em Caparide;
- o reconhecimento como “*Sócio Honorário*” da “*Trupe União Caparidense*” do destacado fundador do “*Grupo de Bandolinistas*”, **Artur Moreira Sabido**;
- um espetáculo promovido pelo “*GRD 1º de Maio*” realizou-se, em 1942, na sede da “*Trupe*”, com a condição de “*a exploração do bufete ser por conta da União Caparidense*”. No ofício de confirmação do pedido é dito também: “*Agora num dia qualquer faremos nós um espetáculo na vossa casa com as mesmas condições*”.

Mas nem só de boas relações com as suas congéneres se fez o percurso do GMD1º de Maio. *Cortes de relações* também são conhecidos, entre eles os casos passados com as coletividades de Trajouce, S. Domingos de Rana e do Murtal. Em 1953 é formalizado o corte de relações com o “*Grupo Musical de Beneficência 9 de Abril de Trajouce*”, pelo ofício assinado pelo presidente da direção do GMD1º de Maio, na conclusão de um diferendo que teve por base a incompreensível falta de resposta a um dobrado pedido (feito a 21 de Abril e repetido a 19 de Maio) de atuação do Grupo Musical daquela agremiação para o dia 13 de Junho, nas festas de Stº. António.

Por sua vez o reatar de relações cortadas entre o “*Grupo 1º de Maio*” e a “*Estudantina de S. Domingos de Rana*” é um ato digno de registo. Apelando ao reatamento das relações é apreciado, na AG de 25/04/59, o ofício da Direção da “*Estudantina*”, a propósito do qual **Filipe Borges** esclareceu a assembleia de que “*quando se fez pela primeira vez o Pic-Nic, já não haver relações entre as duas coletividades, por motivo de alguns músicos*

50 ANOS DE SOLIDARIEDADE

abandonarem o nosso Grupo, sem darem satisfação aos sócios, fundando assim a coletividade de S. Domingos de Rana”. A situação viria depois a agravar-se quando (em 1935?) “alguns sócios da coletividade de S. Domingos participaram da nossa coletividade de não pagar ao Governo Civil”. No entanto a decisão da assembleia foi tomada no sentido da aceitação do reatamento, situação que acabou por ser assumida numa reunião conjunta das duas direções, às quais se juntaram alguns sócios mais de cada uma das associações. Foi produzida uma ata, assinada por todos os presentes (DC25), e acertada realização de um ciclo de festas conjuntas, em que a primeira teve lugar em terreno neutro, no ponto de encontro das duas “embaixadas”, saídas cada qual da sua sede, compostas por diretores, grupos musicais, sócios acompanhantes e suas famílias.



DC25 – Ata da Reunião de Conciliação entre o Grupo Musical e Dramático 1º de Maio da S.O. de Tires e da Estudantina Recreativa de S. Domingos de Rana.



FT22 – Estandartes das duas Associações com as respetivas porta-estandartes na Festa da Conciliação. O GMD1º de Maio é representado por Benvinda Xavier (ao centro entre os estandartes) e Adília Silva (a mais à esquerda).

Na mesma AG de Abril de 1959, foi também abordada a questão da inexistência de relações com o “*Grupo Musical e Desportivo Murtalense*”. Neste caso, segundo **Serafim Tomé dos Santos**, o corte deveu-se a que “*por duas vezes o mesmo, em que a última foi na sua direção em 1946, oficiando a dizer que vinham na segunda feira de Stº António e foram tocar para Rana a ganhar dinheiro*”. No entanto a assembleia já havia deliberado que outros casos de corte de relações seriam resolvidos com o reatamento, desde que, tal como o acontecido com a “*Estudantina de S. Domingos de Rana*”, a iniciativa partisse dessas coletividades, culpadas da situação.

VI . 3 – INSTITUIÇÕES OFICIAIS E RELIGIOSAS

A relação do “*Grupo Musical e Dramático 1º de Maio da Solidariedade Operária de Tires*” quer com as entidades oficiais quer com as religiosas foram, ao longo dos cinquenta anos da sua vida, quase sempre tensas e difíceis. Tal se deve, numa primeira e principal razão, ao facto do Grupo ter nascido no ambiente sindicalista, de influência predominantemente marxista, a que o Estado Novo – poder político instalado no país em quase todo o tempo de vida desta coletividade – tanto perseguiu e combateu. A forte ligação da Igreja Católica com este poder político (é sobejamente conhecida a ligação do Cardeal Cerejeira com o ditador Salazar), aliada ao ceticismo religioso dos ideais marxistas, justificam o afastamento da Coletividade às iniciativas paroquiais, e vice-versa.

A primeira e mais significativa colaboração conhecida entre a entidade religiosa e o Grupo, acontece só em 1952, quando, em AG de 09 de Agosto, assembleia convocada expressamente para o efeito, se aprecia e aprova por maioria, o pedido, expresso em ofício, do *Sr. Prior da Freguesia* para cedência da sala da Coletividade para realização da “*Festa da Criança*”, sob organização paroquial, marcada para o dia seguinte (10 de Agosto). Refira-se que a “*Festa da Criança*” era um evento normalmente organizada pela direção escolar, apoiada pela Junta de Freguesia e Paróquia de S. Domingos de Rana, e à qual a Coletividade sempre prestou igual colaboração.



FT23 – Meninas da Escola de Tires na “Festa da Criança” em 1952, à porta da “Nova Sede”

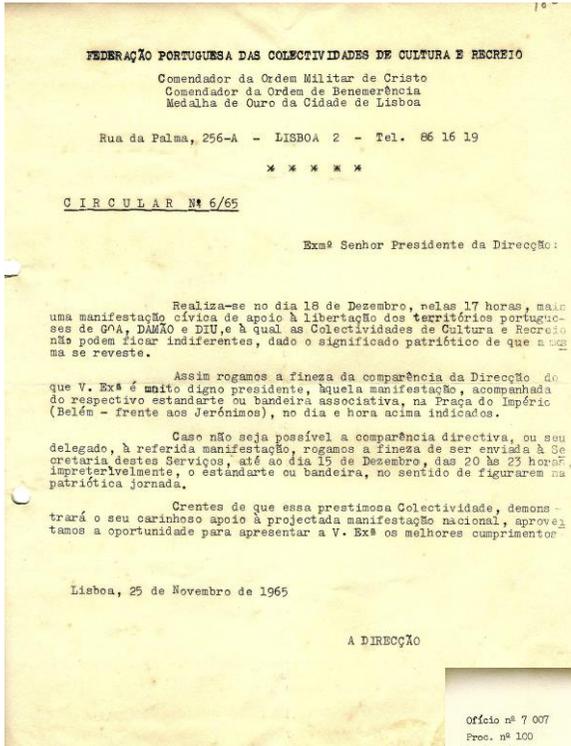
A envolvimento do Grupo com o poder autárquico, Junta de Freguesia e Câmara Municipal, é praticamente nula. A relação com a Junta de Freguesia é mesmo inexistente. Consultado o arquivo de correspondência recebida e expedida pela Junta de Freguesia nos cinquenta anos de existência do “*GMDIº de Maio*” não foi encontrada um único ofício da Junta para o Grupo ou, inversamente, deste para aquela. Importa referir que a Comissão Administrativa da Junta de Freguesia esteve sediada na Parede até 1953, data em foi transferida para S. Domingos de Rana, quando se dá a constituição da Junta de Freguesia da Parede. Um enorme “distanciamento” parece ter existido entre Tires e Parede naqueles tempos. Seria mesmo o equivalente ao “fosso” existente entre os interesses duma burguesia abastada, que acabava de se instalar privilegiadamente junto ao mar, e os interesses dum proletariado

pobre, ainda por cima “comunista”, que habitava Tires. Idêntico preconceito classista é também assumido por parte da Administração do Concelho de Cascais que, com a sua política discricionária, condena ao abandono, não só o “*Grupo MD 1º de Maio SO*”, mas a própria povoação. “*Para Tires, terra de vermelhos, não me peçam nada, é a aldeia mais comunista do concelho!*”, chega a ser pronunciado pelo mais alto responsável da edilidade, a quem, na sua ação governativa, apenas interessava o desenvolvimento do território junto à “Linha”. Em cinquenta anos de vida da Coletividade apenas por uma vez se dá conta duma visita, por parte do Presidente da Câmara, a convite e por interesse deste Grupo. Isto aconteceu quando da avaliação da necessidade de obras de ampliação da sede em 1961 (situação descrita no Cap. III – Sede).

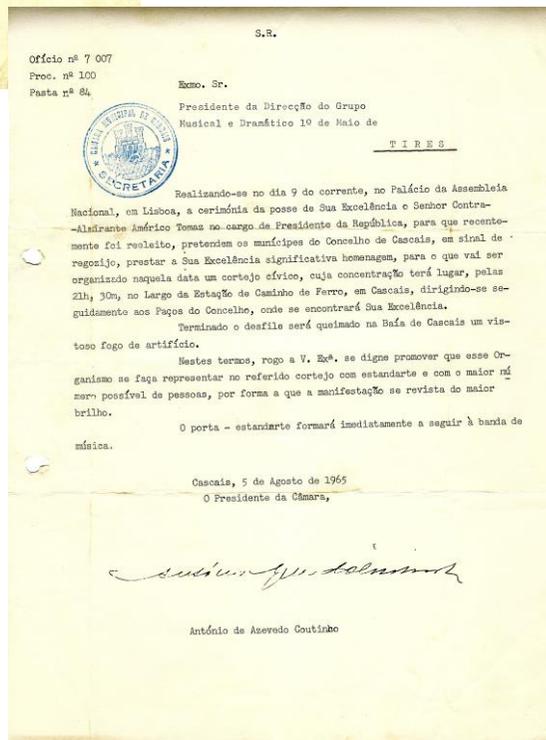
Ainda por causa das obras de ampliação da sede, e da necessidade do seu financiamento, se dá uma aproximação da Associação ao poder central. A apresentação de uma candidatura aos apoios estatais obriga à “legalização” da atividade do Grupo. O reconhecimento por parte da “*Federação Portuguesa das Coletividades de Cultura e Recreio*” implica a inscrição da Coletividade nesta instituição, que, por sua vez, conduz a Coletividade à aprovação de novos Estatutos, que teriam de seguir “modelo recomendado” pelo “*Governo Civil*”, que no final aprovaria. No entanto uma condição era necessária: - retirar da denominação (“demasiado extensa”?!), a “*Solidariedade Operária*”(!!).

A “*Federação Portuguesa das Coletividades de Cultura e Recreio*” era, à época, uma organização do “*regime*” criada apenas para o controle do associativismo existente. Da pesquisa efetuada à correspondência do “*Grupo MD 1º de Maio SO*”, apenas se registam circulares desta instituição com o teor do da que se junta (DC26), como, da mesma forma, unicamente se encontram

50 ANOS DE SOLIDARIEDADE



DC26 – Uma circular da Federação Portuguesa das Coletividades de Cultura e Recreio de 1965



DC27 – Um ofício da Câmara Municipal de Cascais de 1965

ofícios da “*Câmara Municipal de Cascais*” da mesma época (DC27), que assim atestam, de forma clara, qual a verdadeira importância que o poder central sempre dedicou a esta Associação, tal como a muitas outras suas congéneres.

VII - FINAL CINQUENTENÁRIO

As condições de vida dos habitantes em Tires e seus arredores foram melhorando ao longo das décadas de 50 e 60, muito devidas ao desenvolvimento da indústria da construção civil da qual dependiam particularmente. A construção de obras públicas promovidas diretamente pelo Estado Novo - a construção das Cadeias para mulheres em Tires e a Estrada Marginal ao longo da costa são disso exemplo na zona – a que se junta o incremento da edificação resultante do desenvolvimento turístico da Linha da “Costa do Sol” - com a construção do Casino do Estoril à cabeça – garantiam trabalho não só aos trabalhadores da região, como aos muitos outros que para aqui migraram, particularmente oriundos do Alentejo. Essa mão de obra, que em 1919 se constituía predominantemente por “*canteiros*”, compõe-se, 50 anos depois, maioritariamente, por várias outras profissões ligadas à construção civil (entre as quais se inclui a dos “*canteiros*”, ainda com expressão significativa). A situação, que beneficia todos esses profissionais de uma forma geral, propicia, a alguns em particular, a possibilidade de se estabelecerem por conta própria, constituindo as suas próprias empresas, e

assim “singrar na vida”, como então se dizia. Daqui resulta que a luta (pela melhoria das condições de vida) que era de todos, encarada coletivamente, se vai individualizando, tida de cada um de “per si”, onde a atenção aos outros é dispensada. Os princípios sindicalistas esfumam-se, aquilo que tinha sido a mais valorosa expressão daqueles princípios, a “*Caixa de Auxílio na Doença*”, morre, a “*Solidariedade*” no espírito “operário” esmorece e acaba por desaparecer.

A transformação social que se estabelece tem reflexos evidentes no “*GMD 1º de Maio da SO*”, ou não fosse a comunidade local a base desta sociedade. Se nas década de 20 população residente em Tires e arredores, operários (canteiros, principalmente) e suas famílias, e “*Grupo MD 1º de Maio da SO*”, formam uma comunidade única, tal já não se observa na década de 60 quando esta população é já composta por famílias de trabalhadores, (agora maioritariamente ligados à construção civil), alguns já empresários, muitos deles oriundos de outras zonas do país, e cuja ligação à Coletividade já não é assim tão absoluta. Só parte da comunidade compõe agora a massa associativa do Grupo e mesmo esse associativismo tem de ser partilhado com duas outras associações entretanto surgidas no meio (em 1962): o “*União Recreativa e Desportiva de Tires*” e o “*Grupo Recreativo de Mato-Cheirinhos*”.

A relação entre associação e associado sofre também alterações significativas. São factos comprobatórios dessa mudança:

- antes a diversão e o entretenimento eram feitos (produzidos) em “casa”, os associados procuravam a Coletividade para desenvolver a sua própria recreação; depois já são os dirigentes a contratar “fora” eventos que possam atrair os sócios à Coletividade;

50 ANOS DE SOLIDARIEDADE

- antes foi possível construir uma sede apenas com recurso à força de trabalho dos associados; depois, em obras de alteração nessa mesma sede, as obras só se concretizarão se houver subsídio estatal (mesmo dispondo agora os seus sócios muito melhores condições económicas do que aquelas que existiam antes);

- no princípio o pouco trabalho na associação era dividido por muitos, para, no fim, o maior trabalho ser agora dividido por poucos;

- no princípio as direções alteravam a sua composição todos os anos – nos Estatutos de 1935 no Artº 13º constava mesmo: “*Os corpos gerentes...eleitos pela Assembleia e sempre revogáveis*” -; no fim alguns associados repetem mandatos consecutivos;

- em 1969, e pela primeira vez na vida do Grupo, houve necessidade de recorrer a trabalho remunerado: - a exploração do bufete foi concedida a uma comissão onerada com percentagem da receita, recorre-se a um contínuo residente para abrir e fechar a sede e também a um secretário permanente para realizar trabalho administrativo;

- os órgãos sociais de 1969 só foram nomeados em segunda AG, algo que só tinha ocorrido uma única vez, seis anos antes.

Quando em 1964 a Associação aprova novos Estatutos (segundo modelo “oficial”), com nova denominação na qual “*Solidariedade Operária*” já não consta, cede a pressões do regime político de então (a ditadura salazarista), hipotecando parte da sua identidade a troco de uma “legalidade” que lhe permitiria alcançar um eventual subsídio estatal. Mas esta cedência só se justifica porque, intimamente, se reconhece que a sua ligação aos ideais

sindicalistas já é passado, e de que, desses ideais, apenas restarão resquícios na memória de alguns.

No mesmo ato (aprovação dos Estatutos de 1964), ao permitir-se também o corte do termo “*Musical*” na denominação do Grupo, do mesmo modo se reconhece a debilidade daquilo que até então tinha constituído o fundamento da própria Coletividade: - a “*Musica*”.

Uma associação, que nasce e vive em torno do seu “*Grupo Musical*” como forma de atingir os seus desígnios recreativos, com uma identidade caracterizada por valores sociais tão importantes como a “*Solidariedade*”, tende a desaparecer quando princípios e valores como esses são abandonados. Conclui-se assim que o fim do “**Grupo Musical e Dramático 1º de Maio da Solidariedade Operária de Tires**”, embora “decretado” em 1964, vem a acontecer cinco anos mais tarde, quando o seu “*Grupo Musical*” finda a sua atividade regular (em 1969).

Por coincidência (ou talvez não!) também o termo “*camarada*” utilizado no tratamento dos associados entre si, muito por influência do já referidos princípios sindicalista, também é abandonado, deixando de constar das atas de AG a partir do mesmo ano de 1969.

A “*nova coletividade denominada Grupo Recreativo de Dramático 1º de Maio, com sede em Tires*” - é assim que a “*Federação Portuguesa das Coletividades de Cultura e Recreio*” oficia o Governo Civil de Lisboa, no referido processo de legalização de 1964 – herda da extinta, depois duma partilha de 5 anos, um associativismo ainda de “de boa saúde”, mas que rapidamente “adoece” e quase “sucumbe”, acabando “salvo” e “revigorado”, pela revolução de Abril de 1974.

50 ANOS DE SOLIDARIEDADE

São cinco são os *camaradas* que partilharam, na totalidade, os 50 anos da existência da Coletividade que ousaram fundar. Acompanharam toda a evolução e assistiram também (provavelmente sem disso darem conta) ao fim do “**Grupo Musical e Dramático 1º de Maio da Solidariedade Operária de Tires**” (que inicialmente se denominou “*Grupo Recreativo de Bandolinistas 1º de Maio da Solidariedade da Construção Civil de Tires*”). São eles: **Filipe Borges, Severino Gaspar, Carlos Luiz Sabido, José António Teodoro e Francisco Emiliano Xavier**, que, por 1969 ser também o ano especial do cinquentenário da agremiação, são digna e justamente agraciados na respetiva celebração, sendo-lhes atribuída a categoria de “*sócios honorários*”.

50 ANOS DE SOLIDARIEDADE



VIII – PROTAGONISTAS

VIII.1 – AS MULHERES

Pese embora o “*Grupo Musical e Dramático 1º de Maio da Solidariedade Operária de Tires*” (inicialmente “*Grupo Recreativo de Bandolinistas...*”) tenha sido constituído quase unicamente por homens, achamos importante, agora que falamos em protagonistas da sua história, começar por realçar a importância das mulheres nos feitos desta Associação. Como referimos a propósito da fundação, as condições de subsistência das famílias eram muito precárias, obrigando as mulheres ao contributo, com o seu trabalho, no sustento do lar. Naturalmente, também por isso, partilhavam com os homens as suas necessidades de diversão, festa, bailarico, daí a sua total adesão e empenho na constituição e desenvolvimento do Grupo. Por outro lado, se a Associação se forma com fundamento no baile, a importância da mulher é fundamental nesse fundamento: sem mulheres não há baile!

A presença da mulher é notada quando se fala da “limpeza” e “ornamentação” da sede (costura de sanefas, cortinas, etc.), “decoração da sala”

50 ANOS DE SOLIDARIEDADE

em festas especiais (aniversários, bailes especiais como o da “*colcha*”, o das “*cores*” ou o das “*rosas*”, etc.), realização de “quermesses” e “leilões de bolos”. Na pesquisa efetuada à documentação existente não foi possível encontrar grandes referências individuais da participação de mulheres na atividade do Grupo, no entanto podem apontar-se:

- **Joana Sabido** (mulher de **Artur Moreira Sabido**) é a primeira mulher encarregue da limpeza da sede (AG de 15/10/1921);

- **Maria Helena Rosa Duarte, Maria Helena Tomé, Franquelina Santos Silva, Natália da Conceição Silva e Maria de Lurdes Flôr dos Santos** compõem uma *Comissão de Senhoras* que, em 1949, acompanham a Direção do GMD 1º de Maio da SO de Tires, nos trabalhos de acabamentos da nova Sede (**FT20**);



FT24 – Comissão de Senhoras que acompanha a Direção de 1949

50 ANOS DE SOLIDARIEDADE

- No 1º de Maio de 1951 um *grupo de 5 meninas da escola*, **Almerinda Duarte, Clarinda Santos, Maria Alice Teodoro, Elisabett Gaspar e Izilda Moreira**, oferecem fitas para o Estandarte da Coletividade, ao mesmo tempo que **Maria Adelaide Monsanto de Almeida**, *incumbida de bordar a lira nas blusas que os músicos hoje estreiam*, diz-se honrada por *ofertar* o seu trabalho;

- Uma *Comissão de Senhoras esposas de sócios* encarrega-se da limpeza da sede durante o ano de 1964, doando todo o valor cobrado por esse serviço;

- **Clotilde Palmeira** fez limpeza da sede durante vários anos (60's) graciosamente;

- *Comissão de Senhoras* composta por **Maria Emília Constança, Maria Helena Rosa Duarte** e outras fazem empréstimo de 4.000\$00 à *Comissão de Obras*, em 18 de Abril de 1965;

A possibilidade da mulher se associar ao Grupo nunca foi vedada estatutariamente. Constava nos Estatutos de 1935, no seu Artº. 4º: “*Todo o individuo maior segundo a lei civil, seja qual for o seu sexo ou naturalidade, ou os menores com autorização dos seus pais ou tutores, podem fazer parte do Grupo*”; nos de Estatutos de 1952 logo no Artº. 1º era dito: “*Com o título de Grupo Musica le Dramático 1º de Maio da Solidariedade Operária de Tires, foi organizada em Tires uma sociedade puramente recreativa composta por indeterminado número de indivíduos de ambos os sexos*; e nos Estatutos de 1964, no Artº 3º é referido: “*Podem ser sócios, em numero ilimitado, todos os indivíduos de ambos os sexos*”. Porém só em 1965 é inscrito o primeiro sócio do sexo feminino, então ainda menina, **Jesuína Emília da Silva Sabido**, filha de **Duarte Carlos Sabido** e neta do fundador **Francisco Emiliano Xavier**.

VIII.2 - OS HOMENS

Utilizando como critério as intervenções em Assembleias Gerais, a frequência na composição dos órgãos sociais do Grupo ou das variadas comissões de trabalho, chegámos, com grande facilidade, a uma lista com perto de uma centena de nomes. A dificuldade em estabelecer um critério que quantificasse a “importância” de cada um e a incapacidade em assinalar o “limite” acima do qual a distinção de “*protagonista*” se justificaria, limitou a seleção que inicialmente era nossa intenção apresentar. Dispensamos assim a possibilidade de cometer alguma injustiça, algo que sempre esteve fora das nossas intenções.

De forma generalizada elegemos assim como “*protagonistas maiores*” nesta história do *Grupo Musical e Dramático 1º de Maio da Solidariedade Operária de Tires*, todos aqueles *camaradas*, Homens, que, pela sua dedicação e empenho, contribuíram decisivamente para o sucesso desta causa associativa. A narrativa que se apresenta destaca, naturalmente, muitos (senão todos) desses destacados *camaradas*.

Não ousando a individualização dentro desse grande grupo de *protagonistas*, não nos dispensamos porém de distinguir dois dos sócios fundadores que, em nossa opinião, personificaram, com toda a sua meritória ação, tudo o que o *Grupo Recreativo de Bandolinista / Grupo Musical e Dramático* representava e defendia.

São eles:

- FILIPE BORGES:

Sendo um dos instigadores à criação da Associação - é dele, de *Manuel Fernandes* e de *Duarte Tomé Flores* que partiu a iniciativa - e seu fundador, desempenhou cargos relevantes nos órgãos sociais e comissões ao longo de todos os 50 anos de vida do “*GMDIº de Maio da SO*”. Presença assídua nas Assembleias Gerais, sempre com intervenções reveladoras de grande ponderação e equilíbrio, provocavam o



FT25 – O camarada Filipe Borges

reconhecimento e respeito junto dos seus pares, algo que transparece na pesquisa efetuada. Foi um dos principais rostos da “*Solidariedade Operária*”, que tanto caracterizou toda esta atividade associativa. Presença em ações de beneficência desenvolvidas nos primeiros tempos da Coletividade, integrou também a “*Comissão de Beneficência*”, na décadas de 50 e princípios da de 60. Foi ainda e também fundador e ativista na “*Caixa de Auxílio na Doença*”.

- ARTUR MOREIRA SABIDO:

Terá sido o grande mentor ou “leader” ideológico de todo este processo associativo que originou a constituição do *Grupo dos Bandolinistas*, que logo evoluiu para o *Grupo Musical e Dramático 1º de Maio da S. O. de Tires*, bem como da *Caixa de Auxílio na Doença*. Excelente orador, com um nível de literacia superior à média dos seus pares - à época eram muitos os que não sabiam ler! -, combateu em França durante a primeira guerra mundial e terá aí sofrido a influência dos ideais



FT26 – O camarada Artur Moreira Sabido

socialistas marxistas que sustentavam as lutas reivindicativas dos trabalhadores por toda a Europa. Tais ideais sindicalistas estruturaram a sua personalidade, acompanhando-o na atividade associativa e sindicalista que desenvolveu na sua terra. Exerceu a profissão de canteiro na *Associação dos Canteiros, Cooperativa de Responsabilidade Limitada*, que manteve estreita colaboração com a *Associação de Classe dos Operários da Construção Civil e Artes Correlativas de Tires e Arredores*. Enquanto quadro do *Sindicato dos Operários da Construção Civil* assumiu a ligação com a *Associação de Classe / Caixa de Auxílio na Doença dos Operários da Construção Civil de Tires e Arredores*.

50 ANOS DE SOLIDARIEDADE

Na coletividade exerce o cargo de Secretário da Mesa da Assembleia Geral, quase cronicamente, durante 27 anos. De 1919 a 1936 das 49 atas de AG realizadas 44 são transcritas pelo seu punho, bem como o são os Estatutos de 1935 que chegaram aos nossos dias. Na AG de 9 de Janeiro de 1937, última onde ainda esteve no seu cargo, a ata aparece já redigida pelo seu filho, *Franklin Tomé Sabido*, que o virá a suceder no cargo em anos seguintes.

Acometido de doença pulmonar, ao que consta provocada pela inalação dos gases tóxicos a que ficou sujeito durante a guerra, foi forçado a mudar a residência para junto o da linha do comboio (na Parede), transporte que utilizava nas deslocações para o local de trabalho, em Lisboa. Afastado assim das ocupações associativas na sua terra acabaria por falecer no ano de 1953, no ano em que foi ainda convidado a presidir à Mesa da Sessão Solene do 34º Aniversário do Grupo.

50 ANOS DE SOLIDARIEDADE



50 ANOS DE SOLIDARIEDADE

AGRADECIMENTOS:

“50 Anos de Solidariedade” contou com a indispensável e preciosa ajuda de umas quantas pessoas sem as quais o trabalho dificilmente seria realizado.

De uma forma generalizada quero agradecer a todos os que contribuíram com o fornecimento documental (escrito, oral, fotográfico) utilizado, que permitiu o esclarecimento dos acontecimentos aqui descritos. De entre estes gostaria de salientar, pela especial relevância que tiveram, os testemunhos de **Germano Galvão Duarte** - entretanto desaparecido e que, infelizmente, já não poderá receber, em vida, esta minha manifestação de reconhecimento -, **Raúl Moreira Sabido** e **José Luis Tomé Sabido**. Bem-haja para todos.

Os meus agradecimentos estendem-se igualmente a **Edite Sota** e a toda a equipe que, no *Arquivo Histórico Municipal do Concelho de Cascais*, trata do património documental das coletividades do concelho, e que sempre se mostrou disponível e colaborante para com o trabalho de pesquisa que por lá fomos fazendo. Bem-haja também para elas.

E por fim, porque os últimos são sempre os primeiros, o meu especial agradecimento a **Pedro Pais Miranda** pelo muito que este trabalho lhe fica a dever. Acedendo desde o primeiro instante ao desafio, contribuiu decisivamente na recolha e identificação de documentação com interesse histórico, foi conselheiro e único revisor de texto. Foi ainda o amigo que não me deixou cair quando, em momento de desânimo, cheguei a admitir a hipótese de abandonar este projeto. Obrigado *camarada* Pedro, pela tua ajuda, pela tua amizade e sobretudo pela tua *Solidariedade*.

Carlos Albano Costa

50 ANOS DE SOLIDARIEDADE

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

São referências bibliográficas utilizadas na pesquisa:

- *Arquivo Histórico Municipal* – Acervo da documentação de:
Grupo RD 1º de Maio de Tires;
Ass. de Classe/Caixa de Auxilio na Doença;
Junta de Freguesia S. Domingos de Rana
- *Carlos A. Teixeira e outros* - “Registo Fotográfico da Freguesia de S. Domingos de Rana”
- *Ana Margarida Silva e outra* - Trabalho académico sobre Associativismo em Tires com foco no Grupo Musical e Dramático 1º de Maio
- *João Eduardo N. Conceição* - Tese Académica:
“O G.R.D. 1º de Maio de Tires – Dimensão Social de uma Coletividade Recreativa”
- *Arquivo Histórico Municipal* - “Cascais Associações com História”
- *José Luis Tomé Sabido* - “Tires Terra de Canteiros” e
“Tires Quando eu era Pequenino”
- Diversa documentação avulsa muita dela sem autor determinado